

Estrada do Medo



Maria Donizete

2023

Ficha catalográfica

Copyright © 2023

Todos os direitos reservados

**A reprodução não autorizada desta publicação, dos textos ou em partes,
constitui violação do direito autoral (lei 5988/73 e lei 9610/98)**

Editora INDE

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Estrada do Medo- Maria Donizete Pereira

-- 1. Ed. – São Paulo, 2023

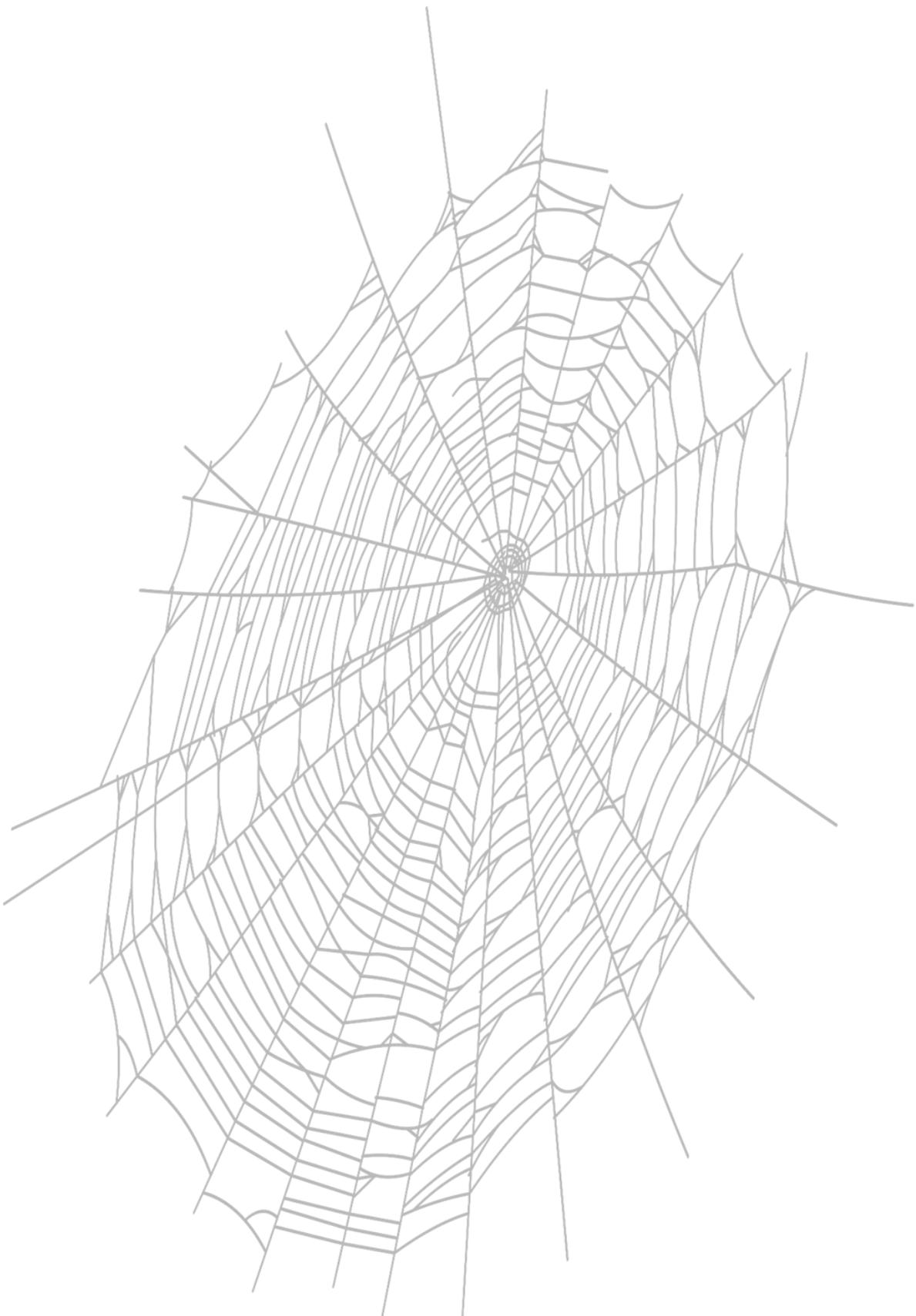
Editora INDE

ISBN: 978-65-80926-86-2

800. Literatura

Índice para catálogo sistemático:

800. Literatura

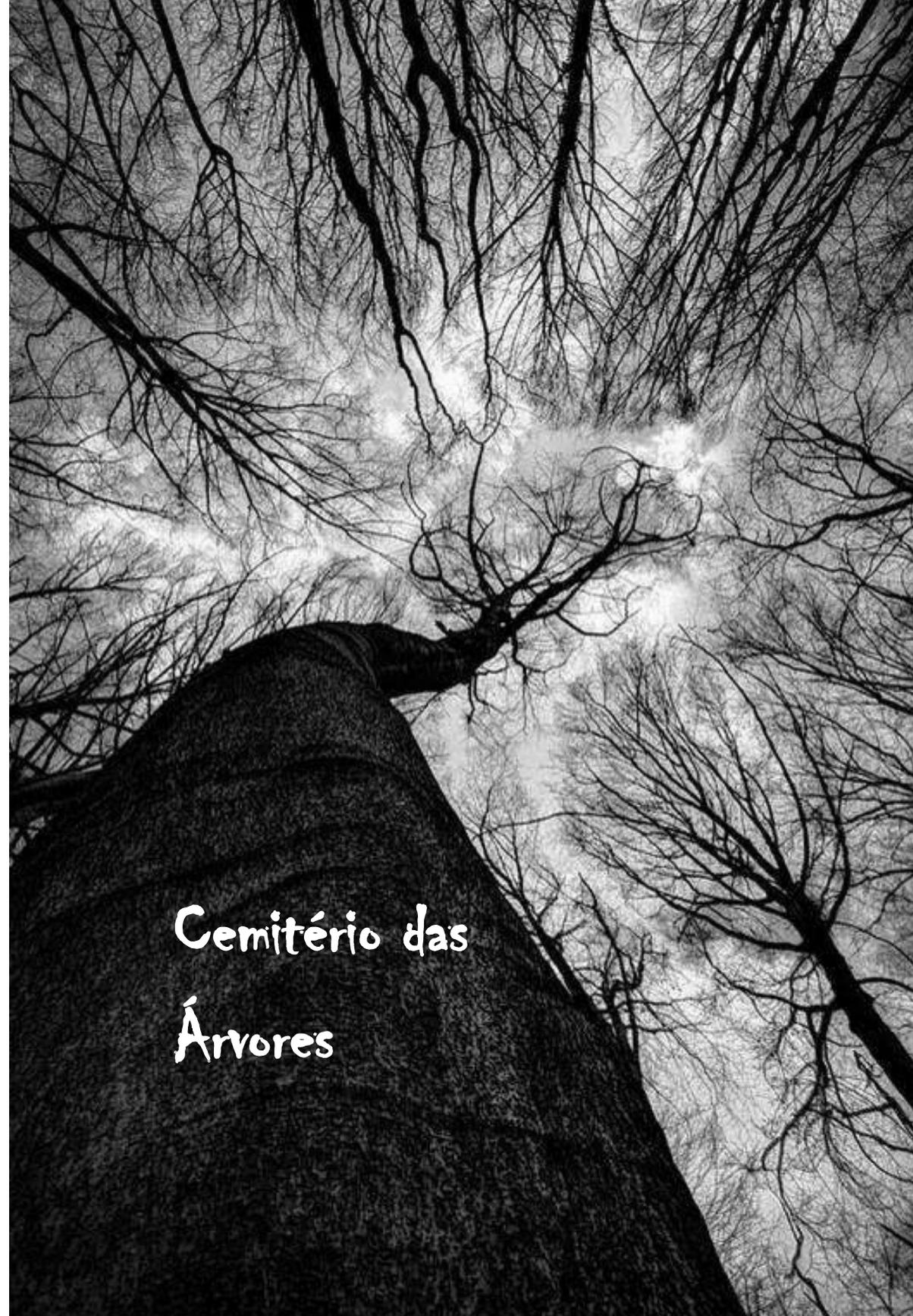


Sumário

Cemitério das Árvores 6
Vilarejo Walsh.....46



Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos, ou situações da vida real é mera coincidência.



Cemitério das
Árvores

Cemitério das Árvores

Transcorria o ano de 1980 e Bryan percorria aquela rodovia desconhecida há mais de três horas. Estava tão escura e vazia, que não se conseguia enxergar o que havia dos lados. Uma noite sem lua, sem indícios de nenhuma cidade próxima.

— Bryan, estamos perdidos. Que rodovia é essa que nunca acaba? — Reclama a esposa.

— Pare de falar Mônica, senão, fico mais nervoso.

— Você disse que sabia o caminho, entrou nessa rodovia, estamos nela há tanto tempo e não chegamos a lugar nenhum.

— Eu devia ter vindo sozinho, quem insistiu em me acompanhar, foi você. Então cale a boca e me deixe pensar.

Bryan parou o carro e desceu, tentou com a luz do farol, visualizar o que havia por ali, mas não viu nada que pudesse ajudar. Foi nesse momento, que escutou um barulho de ronco de motor se aproximando.

Ele correu e acenou. Era uma caminhonete velha, que parou uns vinte metros à frente. Um homem alto desceu e veio ao seu encontro.

— Boa noite! Seu carro quebrou?

— Boa noite senhor! Na verdade, não. No entanto, estamos viajando há horas e não sabemos onde essa rodovia vai dar.

— A cidade está há quatro horas daqui.

— Ainda? E um posto? Não imaginávamos esse contratempo e a gasolina está quase acabando. Creio que não conseguiremos chegar.

— Sugiro que, se quiserem descansar, me sigam até o vilarejo, que fica próximo daqui. Meu irmão tem uma bomba de gasolina. Pernoitem em minha casa e amanhã abasteçam e continuem a viagem.

Nisso, Mônica de dentro do carro, chamou o marido.

— Bryan, não gosto desse homem. Pelo amor de Deus, não confie.

— Querida, o homem só quer ajudar. E não temos alternativa, senão aceitar.

— Temos sim, dormiremos aqui no carro e amanhã vamos atrás de gasolina para continuarmos a viagem. Mas, esse lugar, é estranho, tem algo, que não sei explicar.

— Bobagem querida, olha o que tenho aqui, se eu vir algo de estranho.

— Bryan, revólver em certos casos, não adianta nada.

— Não se preocupe, meu bem, aceitarei a ajuda dele. Vamos segui-lo.

Bryan seguiu a caminhonete por mais alguns quilômetros e num certo momento, entraram por uma estrada de terra. Enormes árvores secas, a ladeavam, parecendo fantasmas, um aspecto assustador. Uma imagem lúgubre e melancólica, que deixou Mônica com uma enorme sensação de tristeza.

— Bryan, essas árvores, são horríveis, secas, estão mortas.

— Mônica, com medo de árvores agora? Acha que elas vão nos agarrar?

— Se você olhar direito, dá a impressão que sim. Que horror! Não estou me sentindo bem.

— Olha Mônica, o velhote está diminuindo a velocidade! Estamos chegando no vilarejo.

— Nossa! Estou toda arrepiada. Que lugar escuro, não vejo nenhum movimento.

Bryan ri, e logo o velho homem vem se encontrar com ele.

— Chegamos! Não me apresentei, sou Seachnall Walsh, pode me chamar de Seach.

— Sou Bryan e minha mulher Mônica.

Depois dos cumprimentos, retiraram as malas do carro e acompanharam Seach para dentro da casa. Mônica respirou fundo. Pelo menos, agora estava num ambiente com clareza.

A casa, muito ampla e mobiliada, móveis rústicos, porém de bom gosto. Percebeu que não havia televisão. Sentiu vontade de perguntar ao homem, sobre o telefone, porém, ficou apenas observando e ouvindo a conversa entre ele e o marido.

— O senhor tem nome irlandês, percebo pelo seu sotaque, que é semelhante ao do meu avô, que também veio da Irlanda.

— Bryan! Existem muitos Bryans na Irlanda.

— Eu me chamo Tadeu Bryan, mas, gosto de ser chamado pelo meu sobrenome.

O homem oferece pão e café. Mônica permaneceu calada, olhando tudo em volta, com a sensação de ser observada, até pelas paredes. Calafrios passam pelo seu corpo, mas sentia fome. Tentou se controlar e comer. Bryan conversava animadamente, como se estivesse em sua casa.

— Minha esposa está dormindo, não gosto de acordá-la. Venham que vou mostrar o aposento para descansarem. Eu ajudo nas malas. O casal agradeceu e o acompanhou.

No quarto, Bryan se deitou e dormiu, mas Mônica, ficou atenta a qualquer movimento ou barulho. Ouviu gritaria, risos e murmúrios de vozes infantis. Sem conseguir dormir, viu o dia amanhecer, sem ao menos ter fechado os olhos.

Quase oito horas da manhã, bateram na porta. Bryan acordou e atendeu.

— Bom dia, senhor Bryan, sou Aileen! Dormiu bem? Trouxe toalhas e sabonete.

— Bom dia! Muita gentileza da senhora. — Fala agradecendo. E complementa — Senhora Aileen, é um prazer conhecê-la. Dormimos bem e precisamos mesmo tomar banho.

— Certo! O café está na mesa, vamos aguardá-los. — Falou, descendo as escadas.

— Vou acordar minha esposa e em breve, desceremos.

Quinze minutos depois, desceram para o desjejum. Os anfitriões já os aguardavam, com olhares amistosos.

— Bom dia! Antes de abastecer, gostaria de mostrar nossas plantações, inclusive o magueiral.

— Mangueiral? Gosto muito de manga. Falou Bryan animado.

— Sim! Exportamos as melhores mangas. Estamos na época da colheita.

— Agora fiquei curioso.

— Querido, não tínhamos um compromisso hoje às quinze horas? — Interrompeu Mônica, olhando para Bryan seriamente.

— Sim! Mas creio que conhecer as plantações não nos atrasará.

— Se você se atrasar, poderá se prejudicar nos negócios.

— Eu avisarei o pessoal que nos atrasaremos. O senhor tem um telefone para que possamos entrar em contato com nossos clientes?

— Não temos telefone por aqui. Falou Aileen, enquanto servia seu café.

— Em nenhum lugar? Insistiu Bryan.

— Não temos telefone aqui na vila. — Respondeu o homem com rispidez, sem se importar com o olhar surpreso do rapaz.

— Então verei sua plantação, depois partiremos. Não podemos faltar ao nosso compromisso, muito menos deixar de nos comunicar sobre os contratemplos.

Com a luz do dia, Mônica olhava tudo. Havia uma única rua, bem curta, revestida de paralelepípedos que se estendia até uma pequena vila com pelo menos uns dez sobrados germinados de dois andares, com pinturas acinzentadas com portas e janelas de madeira escura, cada casa possuía um

pequeno jardim com flores coloridas. Seach apresentou algumas pessoas, vestidas com roupas escuras, diferente dos padrões a que ela estava acostumada.

A plantação de fato era esplêndida. Entraram no pomar, árvores frutíferas de espécies variadas, e no mangueiral, as mangas eram colhidas e encaixotadas pelos moradores com muito cuidado. Mônica, estava encantada com tamanha beleza do lugar, respirou o perfume que exalava no ar. Era de fato, mágico.

— Posso pegar uma? Falou Mônica desejosa.

— Depois que terminarem a colheita, darei a você e ao seu rebento. — Ela se assustou, estava grávida de cinco meses, porém, mal dava para perceber.

— Vocês exportam esses frutos? — Questionou Bryan.

— Para diversos países.

— E como fazem intercâmbio com seus compradores, se as linhas de comunicação não existem?

— Acha que não existem mesmo?

— Não tem telefone, não vejo nenhum rádio ou televisão.

— A sabedoria diz que, existem poderes mais superiores que esses sistemas inventados pela humanidade.

— Não compreendi o que quis dizer. — Falou Mônica, curiosa com a resposta do homem.

— Se temos amigos, temos o mundo nas mãos. Essa é minha comunicação. Todos sabem quando será a colheita e na próxima lua cheia, virão buscar.

— Teremos lua cheia dentro de quatorze dias. —
Complementa sorrindo, um senhor que, delicadamente,
arrumava as mangas na caixa.

Mônica se arrepiou, quando olhou para ele. Roonan tinha um sorriso maquiavélico. Perceptiva, sentiu algo muito ruim, em tudo aquilo. A pequena estrada de terra entre as frondosas mangueiras, lembrava a mesma, que passaram na noite anterior. Contudo, aquelas árvores não tinham vida e eram de aspectos assustadores. Afastou aquele pensamento, pois, diante de tanta beleza a que seus olhos vislumbravam naquele momento, não havia como comparar.

— Seach, temos que ir. Onde consigo gasolina?

— Vamos abastecer seu carro, para que possam viajar tranquilos.

Foram até onde Bryan o havia deixado, mas nada encontraram.

— Que estranho! Cadê seu carro Bryan? — Perguntou Seach.

— Eu o estacionei nesse lugar. — Respondeu Bryan.

— Olha! Marcas de pneus. Os miseráveis o levaram, sempre nos roubam. — Maldiz, Seach.

— Eu demorei adormecer e escutei muito barulho a noite. Deviam ser os ladrões. — Conta Mônica.

— Não ouvi nada, me deitei e dormi profundamente. Estava muito cansado.

— Tem uns garotos que se drogam lá na cidade e sempre vêm por aqui para nos saquearem. Quando roubam carros, costumam desmontar e vender as peças para continuarem

com seus vícios. Pedimos ajuda da polícia, mas até agora não conseguiram prendê-los. Melhor não se preocuparem, vamos almoçar e depois veremos como fazer para encontrá-lo, claro, se ainda estiver inteiro.

Bryan ficou bem à vontade, e sem demonstrar que estava preocupado com o episódio do roubo. Porém, Mônica continuou muito preocupada e pouco comeu.

— Coma menina! Senão ficará fraca, está esperando um bebê. — Fala Aileen, tocando o braço dela, com ar de preocupação.

— Desculpa, eu estou pensando nos nossos compromissos. E não sou de comer mesmo. Temos muito a perder se não formos hoje. Pior se não avisarmos.

— Minha mulher sempre faz dieta, senhora Aileen. Tem medo de engordar. Mesmo grávida, continua comendo pouco. Eu prefiro comer, e gosto muito de me empanturrar. Se engordo uns quilos, tanto faz, mas mato minha fome.

— Assim que um bom irlandês fala. Comer bem. — Seach ri pela primeira vez.

— Com licença! Vou dormir um pouco. Afinal, a noite foi longa e eu só cochilei.

— Ela está bem nervosa, não é bom para o bebê. — Observou a mulher.

— Está preocupada com nossos compromissos. Tínhamos um encontro com empresários, para acertar contratos, e com o roubo do nosso carro e sem telefone para avisarmos, são motivos para ela ficar assim.

No quarto, Mônica pegou a mala e abriu, debaixo de algumas peças de roupas, observou os dois sacos negros. Abre um deles, retira algumas notas, cheirou, beijou e riu. Bryan entrou.

— Muito dinheiro, não meu amor? Não pretendo levar para aqueles dois patetas.

— Bryan, podemos nos esconder aqui, por muito tempo nem pensar.

— Querida, estamos ricos e não precisamos nos preocupar com nada. Deixa a poeira baixar e iremos embora.

— Você acha que, tanto o Alberto como o Luís podem se prejudicar?

— Não! Foi tudo tão bem esquematizado, que não sobrarão para ninguém.

— Com cinco milhões, estamos ricos. Porém, devemos aplicar muito bem, pois escorre pelas mãos quando não sabemos gastar.

— Estranho! Claro que esse pessoal é meio tacanho, gente fechada. Mas, são da Irlanda, desconfiam de gente que não conhece. E nos acolheu dentro da casa deles. Ah! O que importa é que, quando sairmos daqui, viajaremos até a fronteira com a Argentina e dali, para a Europa, tenho meu irmão que mora na Itália. Teremos nosso filho lá.

— Você entendeu as palavras do Seach quando disse que, tem meios de comunicações mais eficientes? Será que manda pombo correio. — Fala a mulher, fazendo gozação.

Bryan também gargalha e conclui

— O fato de ficarmos livres daqueles dois panacas para sempre é um alívio. Vão nos procurar e nem vestígios encontrarão, e o roubo do carro foi a providência. Compraremos outro mais possante para sairmos do país pela fronteira. Acharemos um comprador que fique com ele e rumaremos para a Itália.

O que eles não percebem é que, os dois olhos da pintura, num quadro pendurado na parede, observavam todos os movimentos naquele quarto.

A noite no jantar, pouco conversaram. A ausência de Seach, deixou o casal curioso.

— Foi jantar no irmão, precisavam conversar sobre a festa da colheita. — Respondeu Aileen ao ser questionada.

— A senhora cozinha muito bem. — Falou Bryan, enquanto repetia o jantar.

— São muitos anos cozinhando, tinha que aprender fazer bons pratos. — Falou sem levantar a cabeça.

— Vocês não têm filhos? — Perguntou Mônica.

— Tivemos um só, e morreu.

— Sinto muito! Mas não vi uma criança por aqui, embora na noite anterior, eu tenha escutado muitas algazarras infantis.

— Por aqui é impossível, somos todos famílias, porém já passamos da idade de gerar filhos.

De repente, um rugido do lado de fora, cortou aquela conversa.

— O que foi isso? — Grita Mônica.

— Não se preocupe, esse urso não faz mal a ninguém. — Respondeu Aileen, tranquilamente.

— Urso? Deus me livre! Uma fera terrível que devora pessoas. — Rebate Mônica.

— Não ele! Fiquem tranquilos! — Afirmou a mulher.

— Alguém cria esse animal, senhora Aileen? — Questiona Bryan.

— Vive no vilarejo há muitos anos, e todos nós convivemos com ele. Nunca fez mal a ninguém, então, não precisam se preocupar.

O casal se entreolhou, e não perguntaram mais. Nos aposentos, conversaram sobre o assunto.

— Um urso de estimação? Onde já se viu isso Bryan?

— Olha, vamos ficar pouco tempo, então, não devemos nos preocupar com a vida dessa gente estranha. Para falar a verdade, até que gosto daqui.

— Para se esconder, não é Bryan?

— Fiquei curioso com o projeto das frutas, pois, rende muito dinheiro. O que não entendo, é como esse povo vive nessa modéstia.

— Você não está pensando em roubar? — Olha questionando Bryan.

— Se eu tiver oportunidade, quem sabe. Na festa da colheita das mangas, vou espreitar esses compradores, tenho certeza de que são muito ricos e trarão muito dinheiro. Seach disse que eles são de alguns países diferentes, imagine o dinheiro que vai entrar.

— Vamos dar uma volta?

— E para onde vamos nessa escuridão? Tem apenas um único poste, com uma lâmpada para todo o vilarejo. E esse pessoal se recolhe cedo e são de pouca conversa até entre eles.

Passou uma semana, sem nenhuma novidade. Bryan agia muito bem com as pessoas, ajudando a colher as mangas, selando e arrumando nas caixas. Mônica por sua vez, caminhava pelas redondezas na expectativa de encontrar o cemitério de árvores, citado por Seach.

Olhava para aquele imenso mangueiral e sentia que a estrada era familiar, porém, não podia concordar, pois, a beleza daquelas árvores, nem se comparava ao aspecto do que viu quando chegou. Em seus pensamentos, não observou a cobra enorme que apareceu na frente dela.

— Ai, meu Deus! — Ficou paralisada.

O réptil, deslizou pelos seus pés, e subiu pelas suas pernas. Apavorada, Mônica, tentou não respirar, mas, o suor molhava seu rosto. Enrolada inteirinha pelo animal, desmaiou. Acordou com Seach, ao seu lado, com um algodão encharcado de álcool.

— Seach! Uma cobra...era grande...pensei que ia me matar.

— Eu a encontrei aqui desmaiada e não vi nada.

— Havia sim, se enrolou no meu corpo inteiro. Tenta explicar.

— Precisa retornar para casa, está muito pálida. Melhor não caminhar tão longe.

— Onde fica o cemitério de árvores?

— Fica distante daqui, precisa de condução para chegar lá.

Ela retornou para a casa, mas não conseguiu esquecer os momentos terríveis que passou. E mais nervosa ainda ficou, quando Bryan achou graça sobre o ocorrido.

— Se você fizesse alguma atividade, não ficaria nessa neurose. Ajude a senhora Aileen, que não tem empregada e a casa é grande. Estamos aqui, debaixo do teto deles, comendo e bebendo e ajudar é uma forma de contribuir. Depois da festa da colheita, compraremos o carro e iremos embora.

— Eu não cuido nem de minha casa, vou fazer serviços domésticos na casa de outra pessoa? Pare com isso, Bryan.

— Então, não me incomode com suas baboseiras.

Naquela noite, Mônica acordou assustada. Dentro do quarto, um urso enorme a observava. Quis gritar para chamar Bryan que dormia um sono pesado, porém, sua voz não saiu. Era desesperador sentir aquele animal, passando a pata sobre seu ventre por várias vezes. Minutos depois, se afastou. Então conseguiu chamar o marido.

— Bryan!

— Que é isso Mônica?

— O urso estava aqui e me tocou com sua pata.

— Você sonhou mulher, e acordou no melhor do meu sono.

— Não sonhei, era um urso de verdade. Acredite em mim.

— Vem amor, encoste em mim, vamos dormir.

No dia seguinte, a presença daquele animal, parecia mesmo um sonho, mas se calou, para assim como Bryan, ninguém

escarnecer dela. Não sentiu vontade de sair do quarto, temia por sua segurança. Sua ausência no almoço e jantar, provocou desfeita para o casal. Seach falou num tom de insatisfação.

— Bryan, precisa educar sua esposa. Ela não é obediente.

— Ela está assustada com a cobra que se enrolou nela e o sonho com o urso. — Justifica.

— Não deveria sentir medo de visões, senão irá fortalecê-las. — Aileen comentou.

— Viemos de uma grande metrópole, moramos no décimo sétimo andar de um edifício de vinte andares, com grandes avenidas barulhentas. E nunca encontramos esses animais pelas ruas. Claro que Mônica está assustada.

— Mesmo neste vilarejo tão distante de sua cidade, esses animais não ficam caminhando pelas ruas e entrando dentro das casas. Foi um sonho ou visão que ela teve, sem dúvida. Ficar dentro do quarto, não vai livrá-la de nada, e agora, vou à casa de meu irmão.

— Posso ir? — Perguntou Bryan.

— Não! Cuide de sua esposa, que está grávida e precisa de você nesse momento.

No quarto, Mônica, enquanto se trocava após o banho, sentiu um medo inexplicável, como se estivesse sendo vigiada. E de fato estava, através do quadro. Bryan entrou.

— Olha o que eu trouxe para minha amada.

— Estou com fome, mas, preferi ficar por aqui e pensar no que está acontecendo comigo. São visões mesmo?

— Estamos num lugar estranho meu amor. É normal sentir essa insegurança. Coma seu lanche, está delicioso.

Os sonhos estranhos de Mônica continuaram nas noites que se seguiram. Vê o cemitério de árvores nitidamente e Seach sepultando uma criança embrulhada num lençol.

— Seach! O que está fazendo?

— Enterrando meu descendente.

— Essa criança morreu de quê?

— Morreu para purificar a terra com seu sangue, para que ela nunca deixe de fornecer seu alimento.

— Por que não sepulta no cemitério?

— Esse é o cemitério, debaixo de cada raiz, jaz um descendente meu.

— Debaixo dessas árvores tem pessoas?

Sem resposta, acordou suada. Mal o dia amanheceu, com todos ainda adormecidos, Mônica se levantou e foi até a caminhonete de Seach. Precisava encontrar o cemitério de árvores.

Percorreu a estrada longa, cercada de mangueiras. Ao término dele, chegou na rodovia. Era como se, nitidamente visse a explicação de seu sonho. Á noite, as árvores eram secas, sem vida, mas de dia, com o sol brilhante, se tornavam verdes e esplendorosas, com lindos frutos. Era uma informação que ela não tinha certeza de onde vinha. Tinha dúvida, e se fosse algo vindo de sua cabeça, meras deduções?

Decidiu ir embora, mesmo sabendo que deixava no quarto, uma mala com muito dinheiro. Porém, precisava pensar em

seu filho, e do dinheiro, Bryan iria cuidar. Levaria a caminhonete de Seach, e voltaria com a polícia, para resgatar seu marido.

Vai seguir a viagem, quando surgiu uma enorme ave na frente da caminhonete. Com o susto, Mônica perdeu o controle, afundando os pneus dianteiros numa pequena vala no acostamento. Situação que ela controlaria com facilidade, caso não tivesse perdido os sentidos com o impacto.

Alguns minutos depois, Seach entra em casa, trazendo a moça nos braços. Acorda com o casal olhando para ela.

— Bom dia! Adorreceu no sofá? — Seach cumprimentou Mônica naturalmente.

— Peguei sua caminhonete e fui até o final do mangueiral. Saí na rodovia, mas uma ave enorme ficou na frente e caí num buraco do acostamento. Quem me trouxe de volta?

— O que está dizendo Mônica? Minha caminhonete está na garagem e intacta. Teve um sonho ou visão novamente. Vá até lá e constate que falo a verdade.

— Quando me levantei e vim para a cozinha fazer o café, vi que você dormia aqui, minha querida. Fiz tudo quieta para não te acordar. — Comenta Aileen.

Mônica não soube o que dizer. Tomou o café que Aileen trouxe e subiu para o quarto. Sua cabeça doía fortemente, tinha plena convicção que não fora sonho. Sozinhos, Aileen e Seach conversam.

— Ela tem percepção extra-sensorial. As situações daqui se elucidam em sua mente. Seria completa se fosse irlandesa, porque o marido é inteligente para roubar o que não lhe

pertence, portanto, só sua carcaça serve para nós. Que pena!

— Comentou Aileen.

— Aumente a poção nos alimentos.

— Para ela não vai adiantar, mas ele sim, não demorará para que seu passado seja apagado.

— No caso dela, precisamos findar o tempo para o renascimento de novo sangue e depois sim, poderemos dar continuidade. Ele será o renovo para nossa família.

Mônica não contou a Bryan o que aconteceu, pois nem mesmo tinha certeza. No entanto, foi até a garagem para olhar a caminhonete de Seach e constatou que não havia nenhum amassado. Um desespero tomou conta dela, pois, ao mesmo tempo que estava incerta dos acontecimentos, eles continuavam nítidos em sua mente.

Olhou o vilarejo animado, cada morador ajudava a enfeitar as casas. Mônica observou a alegria de todos, aguardando o dia da festa da colheita que seria dali três dias. Aquelas pessoas não eram velhas, porém, tinham uma pele enrugada como se fosse papel crepom. Pensou onde estariam as crianças? Ela ouviu gargalhadas e gritaria delas. E os animais domésticos? Nenhum cachorro ou gato.

Ela se sentou num banco e passou a mão na terra. Pegou um pouco e olhou com mais atenção. Era uma terra ressequida, que não recebia chuva há muitos anos. Não era entendida, mas naquele chão com tantos pedregulhos, jamais brotaria uma grama. Reparou que não havia um processo de irrigação nas hortas, no entanto, não havia uma folha amarela ou devorada por pragas.

Nenhum inseto transitando por ali, ao menos uma formiga, tão comum em locais onde há muitas plantações. A mesma coisa com as flores, que apesar de lindas e perfumadas, nenhuma borboleta pousava.

No pomar, nenhum passarinho voando, coisa muito comum e no chão, nenhuma folha caída. Mônica sentiu caminhar sob um desenho, que apesar de haver cores, não tinha vida. E isso a deixou muito perturbada.

Absorta em suas constatações, não percebeu a chegada de Seach, que lhe entregou uma linda manga. Ela estendeu a mão e tocou no fruto. De repente se transportou para um tempo antigo.

O vilarejo foi formado por Seach, seu irmão Roonan, suas esposas e oito crianças de diversas idades. Sendo três filhos de Seach e cinco do irmão. Passaram muitas dificuldades, pois o que plantavam mal dava para suprir as necessidades.

Seach era sacerdote, responsável em organizar os rituais e oferendas. E tinha muita intimidade com os animais. Por meio de rituais, tinha o poder de se transformar em alguns deles. Mônica o viu perfeitamente, fazendo seu ritual, com o objetivo de solucionar a situação pela qual estavam passando. Viu quando Seach sacrificou seu próprio filho. E do lado de fora o sofrimento de Aileen, a dor profunda de entregar a criança para aquela terrível insanidade do pai.

Todavia, a partir dali, o vilarejo começou a prosperar. E outro sacrifício para o próximo ano.

E foi o filho de Roonan, quem foi a vítima. E durante os anos que se seguiram, cada criança foi sacrificada, restando apenas dois casais de primos.

Seach quem fez os casamentos, que no futuro geraram mais duas crianças. Apenas não contou com o desespero de Eabha, sua filha, que após sua filha ser levada, desapareceu. Foi encontrada sem vida e com uma corda no pescoço.

Com a morte dela, restou apenas a outra prima, que seria a mulher fértil para reproduzir. Porém, nunca mais engravidou, terminando assim, o círculo de renovação naquela família.

Seach viajou por seis meses e quando retornou, trouxe a novidade de que, a colheita jamais deixaria de existir, pois para a festa, dariam o sangue que aquela terra exigia para produzir.

E assim, iniciou a vinda de homens gananciosos e sedentos por dinheiro, que se propuseram de trazer o inocente que pagaria pela safra futura.

Para não morrerem, homens de sangue irlandês até a terceira geração, seriam atraídos para circularem naquela rodovia e perdidos, levados por Seach para o vilarejo.

Após inutilizarem sua mente com uma poção poderosa que Seach preparava, o corpo velho dele seria descartado e seu espírito utilizaria a nova carcaça. Sendo sua vida preservada, todos ficariam vivos, velhos, porém, intactos.

Existiam duzentas mangueiras plantadas à beira daquela estrada. Produziam frutos perfeitos, enormes e jamais vistos, que com a venda, lhes rendiam muito dinheiro. A terra abundante daria o alimento e eles nunca mais passariam fome. Porém, deveriam respeitar esse pacto.

O castigo para a maldade daquela gente, foi de viverem numa terra árida, e jamais receberem chuva, como dádiva de

Deus, para arar, plantar e colher. De dia, eram cercados por plantações verdejantes. E a noite, nada permanecia vivo, inclusive, rodeados de um cemitério de árvores, de aspecto horrível, cujos galhos pareciam garras prontas a prender suas vítimas. Sedentas de sangue, com o poder de atrair desde a rodovia, para aquele caminho, qualquer descendente irlandês que por ali passasse.

Mônica compreendeu tudo aquilo. Ciente de que, a festa da colheita se daria no outro dia, haveria necessidade de trazer um sangue irlandês para a continuidade daquele horror. E aos compradores que compactuavam com tudo aquilo, rendimento de milhões aos seus cofres.

Com a exportação daquelas frutas de qualidade inigualável, para consumidores de diversas partes do mundo, ignorando a procedência dos acontecimentos nefastos e daquele mangueiral amaldiçoado e ceifador de vidas.

Em questões de segundos, tudo passou pela mente de Mônica. Soltou a manga na mão de Seach.

— Obrigada, mangas engordam.

— Está bem! — Fala, recolocando o fruto na caixa. E ao olhá-la, teve a certeza de que, ela sabia de tudo.

— Vou para o meu quarto, ainda estou com dor de cabeça. Falou se afastando e fingindo naturalidade.

No quarto, Mônica se desesperou. Pensou como convencer Bryan a sair dali. Ele possuía sangue irlandês e ela esperava um filho dele. Se ficasse ali, não sobreviveria. Quanto ao seu filho, talvez seria sacrificado em nome daquela insanidade, na próxima colheita.

Observou ao redor, como se procurasse uma saída para aquele problema. Foi quando reparou que os olhos do homem no quadro se mexiam. Em sua bolsa de maquiagem, discretamente, retirou um lápis e enfiou no olho da figura. Escutou o grito do outro lado. Saiu do quarto e foi até o corredor, tentou abrir a porta do quarto ao lado, mas estava trancada.

— Tenho certeza de que, o covarde aparecerá com o olho roxo.

Ela descobriu que aquelas pessoas sabiam quem eles eram e o que fizeram, inclusive, que tinham dinheiro na mala, proveniente do roubo da Empresa de Segurança, onde um dos comparsas de Bryan trabalhou. Em três, assaltaram e roubaram cinco milhões.

Ficou combinado com os outros dois que, cada um deveria se hospedar em duas cidades diferentes, mas próximas. Bryan viajaria de carro e faria a entrega da parte que lhes cabia. Alberto trabalhou como tesoureiro por cinco anos naquela empresa.

Todos os dias de madrugada, a empresa recolhia a diária de uma rede de supermercados, guardava no cofre para posteriormente encaminhar a instituição bancária. Contudo, os valores recolhidos nos finais de semana, eram depositados apenas no primeiro dia útil. O roubo foi tudo muito bem planejado. Um mês antes do dia planejado, Alberto, pediu demissão, alegando problemas de saúde, com exames para qualquer eventualidade. Porém, fez cópias de todas as chaves e sem que ninguém soubesse, descobriu o segredo do cofre.

Luís, seu amigo, era especialista em sistema de alarme. Conseguiu desligar a câmera do portão principal e da cabine do segurança. Com a chave, Bryan entrou, amarrou mãos e pés do vigilante, colocou uma fita adesiva larga na boca e um saco na cabeça. Fechou a porta da cabine e os três foram para dentro do prédio. Ali, foi mais fácil ainda, pois o vigia estava adormecido, então o imobilizaram e pegaram o dinheiro sem problemas.

Bryan levou o dinheiro para casa, dividiu em três partes iguais, deixando a sua no cofre que possuía em seu apartamento, com o compromisso de levar para Alberto e Luís, que o aguardavam em diferentes cidades. O que não aconteceu.

Muitos pensamentos fervilhavam na cabeça de Mônica, que nem desceu para o almoço. Seach vivia há mais de um século. E possuía um poder das profundezas, com pactos feitos com entidades do mal. Abriu sua bolsa, retirou um vidrinho e banhou seu rosário com aquele líquido. Fez uma oração e o colocou no pescoço.

Desceu até a cozinha e buscou algo para comer. Nesse instante, Roonan entrou. Um dos seus olhos estavam vermelhos e inchados. O homem tentou voltar, sem ser visto, mas não conseguiu.

— Desculpa senhora, pensei que era minha cunhada. —
Falou de cabeça baixa, disfarçando.

Ela nada respondeu. Apenas o encarou, se fixando no olho machucado do homem, caiu na gargalhada. Bebeu o copo de água e saiu. Logo escureceria, Bryan estava demorando, então foi encontrá-lo, deixando Roonan, morrendo de raiva daquela mulher ousada.

— Bryan! — Gritou. Mas ele não escutou.

A vila estava colorida com bandeirolas para a festa do dia da colheita. Mônica vê Bryan.

— Amor, não está me ouvindo? — Ele permaneceu em cima da escada pendurando os enfeites numa das casas.

— Bryan, que aconteceu com você?

De cima da escada, ele olhou e pareceu não a reconhecer. Seus olhos estavam parados, sem vida e como um robô, continuou o trabalho.

— Deus! Não é o Bryan.

Aterrorizada, correu pelos mangueirais e num torpor, desmaiou. Acordou em um quartinho, jogada numa cama estreita, apenas com uma luz muito fraca que clareava o ambiente.

Gritou pedindo socorro, mas ninguém ouviu. Estava escuro e seu estomago reclamava de fome. No entanto, estava trancada. Mais tarde, Roonan entrou com uma vasilha de comida.

— Vocês são assassinos. Que pretendem fazer comigo?

— Coma. Se não quiser morrer de fome.

— Escuta, eu quero ir embora. Não volto aqui e nem conto o que vi.

— E o que viu? Coisas da sua cabeça.

— Não são coisas da minha cabeça, sei o que acontece aqui.

— Coma, você tem uma preciosidade aí que precisa ser cuidada. — E sai.

— Meu Deus! Não posso ficar aqui. Essa gente vai matar meu bebê por causa do sangue irlandês.

Foi um desespero para Mônica. Recordou do rosto do marido, completamente sem expressão. Estava dominado por algo que não sabia explicar, mas que era do mal. Olhou por uma pequena rachadura da madeira da porta e percebeu que a visão era para o norte, para o lado do mangueiral. O único poste clareava apenas o lado sul, onde ficava a rua de paralelepípedos.

Na escuridão, pode ver o cemitério de árvores ressequidas, com seus galhos aguardando o momento de acolher mais um sangue irlandês. De repente, ouviu risos e correria, muitas crianças brincando por ali, se movimentando para lá e para cá.

— As crianças são Espíritos daqueles que foram sacrificados. São milhares e não conseguiram paz. É por isso que, quando a noite chega, gritam, pulam, brincam. — Raciocinou Mônica.

Um deles se aproximou do quatinho e olhou pela rachadura da porta. Nesse momento, os olhos de ambos se encontraram e ela diz.

— Me ajude pelo amor de Deus! Ajude meu bebê.

A criança se afastou e se juntou com as demais, para continuar a brincadeira. Mônica, decepcionada, se deitou naquela velha cama e adormeceu.

Teve sonhos que não conseguiu distinguir. Se viu num lindo jardim, cercada de flores multicores, brincando com uma criança. Uma bela moça se aproximou dela.

— Quem é você?

— Eabha. Você não está mais presa.

— Meu Espírito e de meu filho estão livres aqui. No entanto, meu corpo está naquele quarto sujo.

— Está adormecido. Logo que chegar à aurora, mais um sangue será derramado, a terra será regada para proporcionar o alimento para aquele povo.

— É o seu povo.

— Eu os amaldiçoei antes de me enforcarem e há muito deixou de ser.

— As crianças precisam ser libertadas. Por que não as ajuda?

— Porque não posso. Fui considerada covarde, por tirar minha própria vida e não tenho competência para isso.

— Então por que protege as crianças, se não pode libertá-las?

— Apenas protejo. Mas ele será o verdadeiro libertador. A luta será contra pai e filho. — E aponta para a criança que Mônica segurava pela mão.

— Não compreendi.

— Ensine os caminhos para ele, porém, nunca esconda essa história. Um dia ele virá.

— Você está me assustando. Como ele virá?

— Tudo tem seu tempo. E o seu, ainda não chegou para entender. Agora continue seu passeio.

A moça desapareceu e Mônica ficou ainda mais confusa com todas aquelas explicações. Sabia que Eabha era a filha

de Seach e Aileen. Mônica acordou com pessoas conversando por ali.

O dia amanheceu, e no vilarejo, o movimento começou. Em meio a algumas pessoas, avistou Bryan, bem trajado, interagindo como se fosse da família. Vê a chegada de dois homens, trazendo um menino vestido com uma bata branca. Olha um pouco a frente e vê uma espécie de quarto improvisado na entrada do mangueiral. Os homens entram com a criança.

Horrorizada, Mônica tenta ver um pouco mais, porém, não conseguiu. Passou-se mais de uma hora e os mesmos homens, saíram, sendo que, um carregava o corpo da criança enrolado num lençol, da mesma forma como vira no sonho com Seach, e o outro com duas pás, e adentraram ao mangueiral.

— Misericórdia! Que preço horrível para pagar os frutos. Desgraçados, como puderam compactuar com isso? Essa criança? De onde trouxeram? Será que roubaram no país de origem? — Mônica se desesperou. Sabia que Bryan acompanhou tudo, porém, sem fazer nada, pois estava em transe.

Mônica olhou novamente para o mangueiral, e embora fosse dia, as árvores enegrecidas estavam cobertas por nuvens acinzentadas. Seach saiu do quarto improvisado, com a mesma roupa de sacerdote que Mônica também havia visto. Trazia um vaso e um punhal.

Com ele, riscou um símbolo na entrada do mangueiral. Em um buraco previamente cavado, despejou o conteúdo que trazia em um vaso, fez alguns gestos e proferiu uma oração no idioma irlandês, fechou o buraco e saiu. Voltou seu rosto

em direção ao quartinho em que Mônica estava e deu um sorriso.

Mônica recuou, sabia que ela assistira a tudo e deve tê-la prendido ali, para que de alguma forma, não interferisse. Volta a olhar, no entanto, não o vê mais. E para seu espanto, as árvores se renovaram, com brotos viçosos, dando a certeza de uma outra maravilhosa colheita.

Mônica se deitou. Sentiu o coração palpitar de tanto nervoso. Sabia que aquilo faria muito mal ao seu bebê, então, fechou os olhos, respirou, sentiu o estomago doer de fome, mas ficou ali.

Escutou barulhos de fogos, cheiro de carne queimando, risadas e cantoria. Ela chorou, jamais daria seu filho para aqueles facínoras. E Bryan? Estava possuído por algo desconhecido. Não poderia ajudá-la. Precisava tomar banho, trocar de roupa e comer. Bate com insistência na porta.

— Abram, quero comer.

Roonan entrou.

— Agora pode sair.

— Onde está Bryan? Preciso falar com meu marido.

Roonan ri.

— Seu marido não existe mais.

— O que vocês fizeram com ele? Não minta!

— Seu marido não existe mais! Ele não está mais aqui.

Repete várias vezes essa frase para desespero de Mônica. Agora vá aproveitar a festa, estão todos muito alegres.

Mônica saiu dali e foi direto para a casa de Seach. Precisava tomar seu banho e trocar de roupa. A casa estava vazia, ela sabia que todos estavam reunidos e festejando.

Tomou um demorado banho, lágrimas desciam se misturando a água do chuveiro. Ouviu batidas na porta do banheiro e se assustou. Estava nua e sentiu medo.

— Meu amor, sou eu.

— Bryan! É você mesmo? Saiu nua e molhada, e se jogou nos braços do marido.

— Sim, sou eu. Que aconteceu? Por que não está na festa?

Ela percebeu que ele não se lembrava de nada, então mentiu.

— Desculpa, eu estava cansada e dormi.

— Coloque uma roupa bonita e vamos comer. Trouxeram carne de um boi inteiro de uma fazenda de gado. O cheiro do churrasco está uma delícia.

— Está bem. Sentia muita fome, não havia tomado o café da manhã. No entanto, sentiu náusea só de pensar em comer alguma coisa daquela gente. Todavia, no estado em que se encontrava não podia ficar sem alimento. Então, se arrumou e acompanhou o marido.

A festa estava animada. Haviam homens e mulheres, bem trajados, que Mônica sabia não serem dali, pois os familiares de Seach, eram gente velha e enrugada, e todos falando em gaélico. Identificou os dois homens que trouxeram a criança para sacrifício.

Sentada à mesa, observava tudo com minúcias. Aileen muito simpática lhe trouxe um prato com comidas variadas.

— Coma meu bem, para renovar as forças.

Mônica olhou para os olhos da mulher, que não a encarou.

— Porque finge que está tudo bem, Aileen?

— Não entendo o que diz, querida?

— Entende sim. E me prenderam no quarto para que eu não atrapalhasse a sujeira de vocês.

— Meu bem, em que você poderia atrapalhar?

— Eu oro, creio em Deus. Tenho certeza de que minhas orações atrapalhariam muito.

— Deus? E onde ele está?

— Aqui no meu coração.

A mulher caiu na gargalhada, que atraiu a atenção de algumas pessoas. Ela levantou a mão para demonstrar que estava tudo bem e diz em voz alta:

— A Mônica é muito engraçada, estava me contando uma piada. — E saiu, continuando a gargalhar.

Mônica ficou ali, sem jeito. E em pensamento se voltou a Deus.

— Senhor, se me vês e me ouve, sei que sou uma errada na vida, mas por favor, não me abandone. Eu suplico. — E aperta o rosário, lavado com o líquido do pequeno frasco.

— Como está a comida? — Fala Bryan.

— Está boa.

Bryan se aproximou e foi abraçá-la, quando recuou.

— Que perfume é esse que está usando? Está me deixando tonto.

— Não estou usando perfume.

— Como não? É amadeirado. Não gosto desse cheiro. Tire isso por favor.

Mônica percebeu o que era, mas se calou. Deus estava ali e de alguma forma, neutralizou as energias negativas que envolviam Bryan. Mas, será que neutralizaria os demais? Se assim fosse, ela teria uma arma para impedir que aquela gente fizesse alguma coisa para ela e seu filho.

Voltou ao dia em que seu avô, que viajara para Israel, trouxe um frasco com água do Rio Jordão e disse do poder que havia, contra o mal. Que uma gota era poderosíssima. Embora ela não acreditasse muito naquilo, guardou com carinho o frasco numa bolsinha junto com seu rosário, outro presente, ganho de sua mãe.

Naquele momento de fé, na expectativa de que seria ouvida por Deus, Mônica limpou o rosário com a água e colocou no pescoço.

E sua fé então cresceu, ela não iria sucumbir no meio daqueles monstros, iria embora e levaria Bryan.

Antes de escurecer, os carros se afastaram, levando aqueles assassinos e a mercadoria. Deixando a gorda recompensa, que todos contavam alegremente.

Naquela vila, assassinatos aconteciam, e desesperada, Mônica nada podia fazer. Onde quer que andasse, sempre alguém a vigiava, quando não aparecia cobra, urso, que ela sabia ser o próprio Search transformado.

Quanto a Bryan, passou a dormir no quarto do lado, dizendo não suportar o cheiro que ela exalava, o que chamou a atenção de Seach.

— Que cheiro é esse, que nunca senti?

— É um perfume forte, que parece corroer minhas entranhas.

— Óbvio que não é perfume.

— Para mim aquilo é um perfume. E me deixa tonto.

— É algo mais poderoso que perfume e você precisa descobrir.

— Sinto ânsia de vômito, só de entrar no quarto.

— Vá, descubra e tire dela.

Bryan foi até o quarto. Embora se sentisse sufocado, falou com a mulher.

— Como você está? Estou com saudades.

— Também estou, e você preferiu dormir no outro quarto com a desculpa de que estou perfumada. Que eu saiba, enjoar seria para mim.

— Cadê seu perfume? Pode ser que esteja estragado.

— É aquele na penteadeira. Pode abrir.

Bryan pega o vidro de perfume, abre e cheira.

— Não é esse cheiro. Tem outra coisa que você usa. Alguma colônia nova?

— Bryan, já disse que não estou usando nada além do sabonete e o desodorante sem cheiro. Diga isso ao Seach.

— Seach? O que tem ele? — Fica vermelho e sem jeito.

— Vá, meu amor. Sei que se passou para o lado dessa gente e nem pensa mais em ir embora daqui. E nem pensa mais em irmos para a Europa para que nosso filho nasça lá, em segurança.

— Meu amor, por que está dizendo isso? Claro que vamos para a Europa. Porém nesse momento, Seach precisa de mim.

— Claro que precisa.

Confirma, na certeza de que, nenhum argumento seria convincente. O seu Bryan estava distante.

Com o passar dos dias, Mônica perdeu a noção do tempo naquele lugar. Passava a maior parte, dentro de seu quarto, descendo apenas para as refeições. Certa tarde, encontrou Aileen sozinha na cozinha, era a oportunidade que estava esperando para uma conversa séria com ela.

— Está fugindo de mim Aileen?

— Por que eu fugiria de alguém insignificante como você?

— Diz querendo humilhá-la.

— Eu sei que é isso que vocês, assassinos dos próprios filhos, de todos os descendentes e como se não bastasse, de crianças que tiram dos pais sem a menor compaixão, pensam de mim. Óbvio que seres miseráveis assim, não gostam de pessoas como eu.

— Como você? Que é casada com um ladrão, usufrui todos os produtos que ele rouba. Que moral tem para falar de nós.

— Verdade, coloque numa balança esses roubos e 100 anos de matança de crianças em rituais malignos em prol de uma prosperidade e vida eterna que não existe.

Aileen olha para Mônica com muito ódio e se aproxima dela para dar-lhe um tapa, quando recua se sentindo mal.

— Ah! O que é isso? Que cheiro é esse? O que está usando, sua miserável?

Mônica cresce, se torna forte e diz:

— Imagino sua dor quando pegaram seus filhos para iniciar esse maldito ritual. Pois Seach para dar exemplo, foi o primeiro a sacrificar o próprio filho.

Aileen para, como se voltasse no tempo, aquela imagem há muito esquecida, retorna à sua mente. Com os olhos vermelhos de raiva, procura não focar naquelas lembranças. E Mônica continua...

— A outra criança sua, era uma menina linda. Não é verdade? Foi um sofrimento terrível que vocês impuseram para ela, e em nome de quê? Dessa plantação em terras áridas, sem vida, sem chuva, sem nada? Vivem numa maldição? Você riu aquele dia, quando falei de Deus. Mas, foi Ele quem permitiu que gerasse três filhos, e tenho certeza de que os ajudaria a criar e assim como os do seu cunhado.

Acuada sem poder se aproximar de Mônica, a mulher gritou.

— Seach!

Não muito longe, ele escutou a mulher gritar. E correu para ajudá-la.

— Que houve Aileen?

— Essa mulher precisa sair daqui.

— Eu sei, todavia, não podemos acabar com ela, porque espera uma criança para nossa descendência.

— Ela me atormenta com assuntos que não fazem parte de minha existência e isso me faz mal. Afaste ela ou eu saio daqui.

— Que é? Vão me prender naquela caixa de fósforo outra vez?

— Não nos provoque moça, não sabe com quem está lidando.

— Seach, me dê a caminhonete que vou embora com Bryan e não se fala mais nisso. Deixo vocês em paz, fazendo suas festas da colheita do inferno o quanto quiserem.

— Não viajaria 200 metros.

— Porque se vestiria de urso, cobra. Que outro bicho mesmo? Para me assustar? Não tenho mais medo de nenhum de vocês. Me deixa partir e nunca mais saberão de nós.

— Não sairá daqui, sabe disso.

— Então vou relatar uma coisa. Estive com Eabha, a filha de vocês.

Seach e Aileen se assustam com aquele nome. Deveria ser verdade, pois nunca mais pronunciaram o nome dela, desde que se suicidara. Mônica continuou.

— E ela me fez saber que todos os Espíritos das crianças que vocês sacrificaram, vagam no mangueiral a noite, fazendo algazarras e brincadeiras. Inclusive os filhos de vocês.

— Diga que é mentira dela, Seach... — Aileen se desesperou.

— Nunca vi nenhum Espírito, muito menos de criança.

— Vocês não podem senti-los, porque estão encrustados no mal. Esses Espíritos precisam de alguém nobre e bom que os encaminhe para um lugar de luz e paz.

— Que não é você, evidente. — Seach tenta humilhar Mônica com seu sarcasmo.

— Claro que não. Teria que ser alguém voltado ao amor e a caridade. Não sou isso.

Seach tentou se aproximar de Mônica para segurá-la e tirá-la dali, tendo em vista que, Aileen estava em desespero com todas aquelas revelações. Algo impedia que ele chegasse perto dela.

— Não vai adiantar Seach. Diga onde posso ficar até amanhã, arrume um bom carro com o tanque cheio que irei embora com meu marido, logo que clarear o dia.

Seach coçou a barba branca. Sabia que havia algo muito forte que protegia aquela mulher, porém nem imaginava o que era.

— Apenas me diz, tendo vista que é tão sábia. Os sacrifícios que fazemos são aceitos parcialmente?

— Eabha me revelou em uma de minhas visões que eles precisam apenas do sangue para deixá-los fortes. Não têm poder sobre o Espírito de ninguém.

— Eabha é uma suicida, não tem mais valor quem tira a própria vida. Sua conversa é cheia de mentiras.

— E que valor tem vocês tirando a vida de outros? Como é? Vão nos deixar ir embora ou não?

— Deixa essa mulher ir embora, Seach. Nem ela e nem seu filho servem para nós.

Seach não respondeu, foi até a porta e chamou Roonan, que estava ouvindo na entrada da casa.

— Busque o carro de Bryan, faça uma revisão e aabasteça

Ele não discutiu e obedeceu.

— Apenas confirmando o que eu pensava, ou seja, nosso carro nunca foi roubado. Foi uma forma de nos deter aqui.

— Amanhã quero te ver longe daqui.

O assunto encerrou ali e Mônica subiu para o quarto. Sentia necessidade de agradecer a Deus pela coragem que teve.

— Meu Deus, se o Senhor está me ouvindo, me ajuda. Ilumine meus caminhos e do filho que espero. Não deixe que façam mal para ele. Sei que cometi erros nessa vida, mas não permita que essa criatura inocente pague pela insanidade dessa gente, que através de pactos feitos com o mal, querem se perpetuar nessa terra.

Enquanto orava, apertava o pequeno rosário. Arrumou as malas e deixou tudo preparado para o outro dia. Não sentiu vontade de jantar, por isso permaneceu ali. Aguardava a chegada de Bryan para lhe contar que iriam embora de manhã. E ele não apareceu. Nervosa e preocupada, sabia que nada poderia dar errado, ela sairia dali de qualquer jeito.

Dada a situação em que se encontrava, não ousou sair do quarto, até que o dia amanhecesse. Mal clareou, desceu com as malas. Tudo em silêncio, ninguém havia acordado ainda. Abriu a porta da sala, e deparou com todos da vila, inclusive Bryan, esperando por ela.

— Querida! Diz Bryan vindo em sua direção e com a mesma rapidez recuando.

— Eu sei que esse rosário que tem no pescoço me impede de abraça-la, mas tenho tantas saudades.

— Saia do meio dessa gente, Bryan. Vamos embora.

— Essa é nossa gente, meu amor. Ficaremos com eles.

— Você ficará com eles. Eu vou embora. — E entrou no carro que estava preparado.

O sol despontava, quando Mônica saiu daquele vilarejo, entrou pelo mangueiral, quando o carro se engasgou e parou.

— Droga. Sabia que não podia confiar nessa gente.

Ela desceu, pegou apenas sua bolsa e caminhou. Tinha certeza de que era seguida, nem olhou para trás. De repente um galho em formato de estaca caiu na sua frente. Ela abaixou e pegou.

Continuou caminhando, atenta aos passos que a seguia. Parou e se escondeu atrás de uma mangueira. Observou quando Roonan apareceu, pronto para atacá-la. Numa rapidez impressionante, Mônica o pegou por trás, enfiando à estaca em suas costas. Era um corpo tão frágil, que a estaca atingiu direto no coração.

O homem nem gritou, mas, o horror foi quando, seu corpo, pegou fogo e foi consumido até virar cinzas. Ela se refez do susto e continuou caminhando. Precisava descansar. Estava sem se alimentar e fraca. Ficou escondida atrás das mangueiras, pois sabia que em breve, viriam atrás de Roonan.

A caminhada era longa até a rodovia. Porém, sua intuição dizia que esperasse a noite chegar. Recostou atrás de uma das árvores e adormeceu.

Acordou com um barulho de carroça, olhou e a sua frente estava Eabha e algumas crianças. Ninguém pronunciou uma palavra, mas ela entendeu que era para que subisse.

Percebeu que estavam salvando sua vida. No entanto, um rugido forte e próximo a amedrontou.

— Só pode ser o Seach, transformado em um animal. Não posso deixar que me pegue.

Mas era tarde e o enorme urso a surpreende. Ela gritou de terror.

— Eu sei que é você, Seach!

O urso parou, olhou para a carroça e reconheceu Eabha, seu filho e os sobrinhos, que foram sacrificados por ele. Deu um rugido forte e caiu para trás.

No vilarejo, a família estava em total desespero. Roonan e Seach foram atrás de Mônica e não voltaram. Foi quando Bryan surgiu do mangueiral trazendo a pele de um urso nas mãos.

— Seach é eterno, nada será forte o suficiente para destruí-lo. — Fala Aileen emocionada.

— Que faremos sem meu tio para nos orientar? — Reclama um dos parentes.

— A mulher fugiu porque carrega no ventre um irlandês que tudo fez para salvá-la. Porém meu Seach está de volta, renovado. — Respondeu Aileen.

Como se estivesse alheio aos acontecimentos, Bryan colocou a pele do urso nas costas e falou com o timbre da voz de Seach:

— Roonan foi imprudente, mas em breve voltará. Retomemos nossas vidas. Voltem para seus lares. Tudo permanecerá como antes.

Todos concordaram, compreendendo o que se passou por ali.

Um carro com dois rapazes parou e socorreram aquela mulher caída na margem da rodovia.

— Ela está gestante. Vamos ligar para o resgate imediatamente.

Mônica foi levada ao hospital e se recuperou. Decidiu voltar para casa de seus pais numa pequena cidade do interior e ali ter seu bebê. Nasceu um garoto, lindo e saudável, que ela registrou com o nome de Miguel Pontes, sobrenome dela. Preferiu omitir a paternidade.

A corajosa Mônica por muitos anos, buscou respostas para tudo o que aconteceu. Por diversas vezes, pegou o carro e dirigiu por aquela rodovia, conhecia aquele trajeto e as cidades próximas, nunca encontrou o Cemitério das Árvores, e nem Bryan.

No entanto, apesar da curiosidade, jamais ousou levar seu filho junto, pois, sabia que ele era um chamariz. E a história que vivenciou, ficou no sonho.



CONTINUA



VILAREJO
WALSH

Vilarejo Walsh

Mônica preparou o café com os ovos da maneira que Miguel gostava e chamou por ele.

— Miguel! Venha tomar seu café.

— Bom dia, rainha da minha vida! — Chegou alegre, agarrando a mãe e a enchendo de beijos.

— Bom dia, filho. Deus te abençoe. Sentirei saudades desses beijos todos os dias.

— Verdade, mãe, e eu de te beijar. Porém, tenho que cumprir minha designação.

— Por que o Bispo te mandou para tão longe, meu príncipe?

— Porque existem lugares necessitando de alimento, orientação e religião. E não é longe, são apenas duas horas e meia de viagem.

— Sim, mas para mim é longe.

— Temos celular, podemos conversar a qualquer hora.

Miguel se tornou padre há cinco anos, influenciado pela mãe, católica fervorosa, depois de tudo que aconteceu, culminando com o desaparecimento de Bryan.

O medo fez com que ela escondesse toda história do filho. Inclusive, inventou ser mãe solteira e abandonada ainda grávida. Para sobreviver e criar a criança, se especializou em fazer bolos e doces. Tinha um pequeno comércio em casa, pois precisava ganhar dinheiro. Mas ter vínculo empregatício com alguma empresa, seria um chamariz para os inimigos, pensava Mônica. Viveu para a igreja e seu filho.

Havia se passado trinta e dois anos desde que aquele pesadelo do vilarejo mudou sua vida. Nunca mencionou nada a respeito, nem mesmo para sua mãe.

Não voltou ao antigo apartamento que morou com Bryan e nem procurou os irmãos dele. Para a família, o casal havia desaparecido.

Com a morte da mãe, Mônica, única filha, herdou a casa. Agora, com a idade de sessenta anos, nem de longe parecia a mulher exuberante que foi. Era discreta ao extremo e sentiu que fizera bem em não revelar nada ao filho, pois agora, ele poderia caminhar livremente, ter suas redes sociais e amigos.

A única pessoa que recebia em sua casa, era Elisa, sua vizinha, amiga de infância, que batizou Miguel e não sabia sobre seu passado.

Miguel, desde pequenino, foi ensinado a temer a Deus, orar e ir à igreja todos os domingos com ela. Estudou em colégio particular e se formou com louvores, sem repetir nenhum ciclo. E foi ordenado diácono na paróquia em que frequentava, ajudando o padre nas cerimônias religiosas e atividades administrativas.

Chegou a namorar algumas meninas, sempre com a desaprovação da mãe, que inculcava no coração, o desejo de que ele dedicasse a vida a Deus. Miguel se apaixonou por Luciana, irmã caçula do prefeito da cidade. Foi o desespero de Mônica, que não queria aquele relacionamento. No entanto, o rapaz estava disposto a noivar e casar.

Por isso, desistiu da faculdade de filosofia que estava fazendo, para trabalhar na prefeitura, num cargo de confiança que seu futuro cunhado lhe dera. O salário era bom o suficiente para dar um conforto a sua futura esposa. Ainda participava das atividades na igreja, mas apenas aos domingos.

Tudo estava preparado para o casamento e Miguel era apenas alegria. Porém, alguns dias antes, Luciana rompeu o noivado sem nenhum motivo.

Ele não acreditou, se sentiu péssimo, o mundo pareceu cair em sua cabeça. Insistiu algumas vezes, porém, ela foi taxativa e viajou para os Estados Unidos.

Depois dessa decepção, a perda do emprego, ele voltou mais firme na igreja ao lado de sua mãe, e com 26 anos, resolveu terminar a faculdade e iniciou teologia, demonstrando o desejo de se tornar padre.

A visão que Miguel tinha de sua mãe, é que era uma mulher pura, amava e ajudava ao próximo, dedicada a Deus, enfim, quase uma santa.

No entanto, agora Padre Miguel, designado para atender a Paróquia de Santa Madalena, estabelecida numa comunidade carente e que precisava de ajuda, iria pela primeira vez ficar distante dela. E por isso, estava triste.

Para Mônica, também seria um sofrimento enorme, ter de se afastar do filho, não o ver todos os dias, porém, nada podia fazer. Ele pertencia a Cristo e pensando assim, amenizou seu sofrimento.

Três anos se passaram e Padre Miguel era muito querido naquela comunidade. Nas missas celebradas por ele, a igreja de Santa Madalena, enchia tanto, que as pessoas ficavam em pé e assistiam até o final. Era amigo de todos e exortava os

cuidados especiais que a comunidade deveria ter para com as crianças e idosos.

Sempre aos domingos, era convidado para almoçar na casa de algum devoto. E numa tarde após a missa, degustava uma macarronada com um casal amigo, quando seu celular tocou.

— Padre Miguel! Sua benção!

— Madrinha? Seja abençoada por Deus. E sua benção também.

— Deus o abençoe, filho! Estou preocupada com sua mãe, que precisou ser internada. Passei a noite com ela e tive um sono agitado, chamando pelo senhor.

— O que houve com minha mãe, madrinha? —

— Hipertensão! Venha falar com ela, por favor. — Implora, Elisa.

— Madrinha, tenho muitas atividades por aqui. Mas não vou cumpri-las como deveria, caso não vá ver minha mãe. Diga-lhe que hoje mesmo viajarei.

— Ela vai gostar de saber, padre. Deus o abençoe.

Desligou o celular e voltou para a igreja. Precisava se preparar, pois queria dirigir ainda de dia. Era um mês chuvoso e preferiu não ter nenhum contratempo na viagem.

Chegou à cidade por volta das 17 horas. E foi direto para o Hospital. Quando entrou no quarto, Mônica sorriu ao vê-lo.

— Meu filho, que alegria ver você. Elisa não precisava deslocá-lo da paróquia até aqui.

— Senhora Mônica, querendo dar um susto em mim? Não faça mais isso, sabe que é minha coluna. E me preocupei contigo. — Abraça e beija a mãe.

— Minha pressão não baixava, por isso, me internaram para investigar. Miguel, eu preciso conversar um assunto sério com você. Não posso protelar mais.

— Conversaremos depois. Por enquanto, precisa repousar. E eu conversar com os médicos.

— Filho, adiei demais. E agora tudo que está acontecendo comigo é resultado das minhas mentiras. Perdão, filho, precisei fazer isso para te proteger.

— Mãe, está me assustando, quem te cobra e que história é essa de mentir para me proteger?

Elisa saiu e Mônica iniciou o relato e as experiências bizarras que teve no vilarejo com a família Walsh.

— Em primeiro lugar, Miguel, eu nunca fui mãe solteira. E você tem um pai, embora eu não saiba onde anda. Ele se chama Tadeu Bryan.

Aquela revelação chocou Miguel. Até então, Mônica nunca lhe escondera nada. Foi uma decepção muito grande saber que ela não foi abandonada grávida e teve uma união abençoada por Deus, com o agravante, seu pai estava vivo.

Queria fugir dali tamanha a dor que sentiu. O relato dela lhe chegava aos ouvidos. No entanto, no seu desespero mental, não entendia nada do que ela contava. E Mônica, no afã do desabafo, não percebeu que, de dentro do anjo de candura que criou até então, despertava um homem revoltado.

— Quando consegui sair daquele vilarejo, não voltei para o nosso apartamento pelo medo de duas situações. Fiquei preocupada de ser perseguida depois pelos amigos daquela gente. E o outro fato, é que seu pai era um ladrão. Roubou cinco milhões de uma empresa de segurança e não repassou a parte aos seus comparsas. Senti medo de uma possível vingança.

Padre Miguel, dentre os ensinamentos que obteve, sabia que não roubar era um mandamento de Deus. Outra decepção.

— Não lhe dei o sobrenome de seu pai. Eu o criei dentro do catolicismo, o qual me dediquei. Nunca deixei de ir à igreja, comungar, participar de todas as atividades. Minha maior alegria foi quando me falou de o desejo de ser padre. Achei que poderia ser a saída para jamais passar nem perto daquele

lugar, seria uma forma de proteção. Entretanto, as crianças aparecem todas as noites em meus sonhos, não dizem nada, porém, sei que pedem ajuda. Trinta e cinco anos atrás, eu e seu pai, viajamos para nos encontrar com seus comparsas. Foi firmado que, cada um ficaria em cidades vizinhas. Optaram por Rivandra e Boréu, que eram próximas, aguardando Bryan levar a parte que lhes cabia.

Fomos de carro, porém, três horas depois, a certa altura na Rodovia, não vimos mais nada, a não ser mato dos dois lados. E já era noite, estávamos perdidos e com o tanque quase vazio. Foi quando apareceu aquela caminhonete e o homem ofereceu ajuda. Ele se chamava Seachnall Walsh.

Mônica conta em pormenores toda a história para Miguel, que ouvia aquele relato, como de um espectador de película trash, e não algo real que sua mãe vivenciara.

De todas as mentiras, também se somou a separação da noiva, para que não atrapalhasse o objetivo dele de ser padre. Mas ele raciocinou que a ex-noiva não o amava tanto, caso contrário, jamais cairia na conversa da mãe e desistiria dele. O restante de tudo que ela contou era surreal, impossível de digerir.

A mãe parecia uma estranha e não aquela que sempre teve uma conduta ilibada, mulher doce e perfeita. Estava oco por

dentro, um misto de decepção e abandono daquilo que mais preservava. Sua fé.

Aquele castelo de amor, esperança, harmonia e todas as boas qualidades, que construíram no decorrer da vida, se desmoronou. O desejo de servir a Deus, foi uma escolha que veio de dentro de sua alma, de seu coração, mas naquele momento, tudo perdeu o sentido.

Ela adormeceu. Resultado dos remédios que lhe foram administrados e pela emoção de reviver aqueles acontecimentos. E Padre Miguel, com o coração enegrecido pela revolta de ser enganado a vida inteira, decidiu não retornar para a comunidade, onde tantos amigos angariou.

As pessoas precisavam de ajuda, mas raciocinou que elas não passavam de pedintes, gente que buscava quem fizesse tudo por eles. Não se esforçavam, e anos a fio, não modificavam suas vidas, pelo contrário, sentiam empáfia de serem pobres.

Saiu cabisbaixo do Hospital. A madrinha observou seu abatimento, mas discreta, não ousou interrogá-lo. Elisa sabia que o teor da conversa foi sério. Ele caminhou pelas alamedas da sua cidade, sentou-se num banco e só então observou que estava na praça da matriz, onde ficava a Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Não fez nenhuma

reverência, permaneceu de costas, numa demonstração de que, doravante seria assim com ele e Deus.

Retornou pela manhã ao hospital, onde Elisa o esperava. Ele olhou para ela e disse:

— Madrinha, vou embora, não sei quando volto. Fique com ela. Daqui para frente nem imagino o que será de minha vida.

— Meu filho, o que Mônica te disse de tão grave, que está tomando essa decisão drástica?

— É melhor que tenha a imagem de minha mãe como sempre foi. Uma coisa te peço, não se preocupe comigo.

Elisa sem saber da profundidade da amargura de Miguel, não conseguiu imaginar o que tinha ocorrido. Porém, o conforta com carinho.

— Estaremos aqui para o que precisar, filho. Sabe do amor que sinto por você e sua mãe.

Miguel não respondeu, entrou no carro e partiu. Através do retrovisor, viu Elisa acenar. Sentia muito amor por aquela mulher de baixa estatura, olhos grandes, nos seus sessenta anos e de uma bondade ímpar, mas que em todos aqueles anos, também fora enganada por sua mãe. Naquele

momento, queria se distanciar de tudo que fizesse lembrar a figura materna.

Padre Miguel pediu desligamento da igreja e nunca mais voltou para comunidade de Santa Madalena. Vivia uma vida normal, trabalhando como motorista de Uber.

Por ser um homem de porte atlético, jovem e bonito, logo não lhe faltou mulheres interessadas. E muitas passaram por sua cama, casadas, noivas e descompromissadas. Porém, não se enamorou de nenhuma.

Sua vida era trabalhar, namorar, beber e dançar. Até que numa balada, se envolveu com Jéssica, jovem de 20 anos. Apesar de muito bonita, tinha alguns vícios que Miguel não aceitava, porém, o relacionamento se tornou mais sério, até que ela engravidou.

Assustado, Miguel pensou em desaparecer. A ideia de ter filhos não estava em seus planos. Entretanto, trouxe Jéssica para viver com ele. As brigas eram constantes, sem paciência com a moça, muitos xingamentos e ofensas era o dia a dia do casal.

Quando nasceu Lorenzo, que agora estava com seis meses, a situação melhorou um pouco. No entanto, as desavenças continuaram. Morava numa casa simples, de dois cômodos e após um dia estafante de trabalho, gostava de tomar sua

cerveja, assistir televisão e brincar com seu filho, que era a pureza de tudo aquilo. Seu sorriso iluminava aquela casa.

Numa dessas noites, enjoado de tantas reclamações, da imaturidade de Jéssica, de conversas sem nenhum conteúdo, pegou Lorenzo e entrou no carro. Desceu e buscou a chupeta que havia esquecido. Ela ficava presa a um cordão de metal, que por precaução não deixava com a criança. Então colocou no seu próprio pescoço para não perder.

Lorenzo, que adorava passear de carro com o pai, olhava tudo. Depois de circular, Miguel olhou pelo espelho e viu que ele adormecera, então resolveu retornar.

No entanto, percebeu que estava numa rodovia estranha. Olhou o GPS, mas o celular estava sem sinal. Ele até entendeu que ainda estava sob o efeito das três latas de cerveja, mas não a ponto de ignorar por onde rodou. Ele conhecia a cidade muito bem. O barulho estranho do carro, o deixou apreensivo. Olhou o marcador de combustível.

— Droga, não acredito que estou sem gasolina. Saí como desvairado e nem abasteci. E onde terá um posto por aqui?

— Esbraveja soltando um palavrão.

Parou o carro e desceu. Com os faróis ligados, olhou ao redor e não viu nada por ali, a não ser muito mato à beira da pista. Foi quando viu um carro se aproximar, ele deu sinal.

O motorista parou e Miguel se encaminhou até ele. Era uma velha caminhonete e o motorista perguntou.

— Que houve com o carro, amigo? Está quebrado?

— Boa noite senhor, desculpe pedir para parar. É a gasolina que está no osso. Saí para passear com meu filho e me empolguei. Nem sei onde estou. Sabe onde encontro um posto?

Miguel visualizou a aparência do homem. Era idoso, de aspecto estranho, pois usava uma roupa rota, uma capa peluda nas costas. Tinha os cabelos presos para trás e uma acentuada calvície. No rosto, bigode e barba comprida.

— A cidade fica longe, umas quatro horas daqui. Mas, se ajudar, me siga no vilarejo onde moro, que temos uma bomba. — Falou e deu partida.

Miguel voltou para o carro e seguiu o velho homem. Um tanto atemorizado, porém sua situação não lhe permitiu outra escolha.

— Pior que nem avisei a Jéssica. Não aguentarei seus escândalos de sempre. Vou abastecer o carro e voltar o mais rápido possível. — Pensou alto, coçando a cabeça.

Miguel estava tão absorto em seus pensamentos, que só percebeu que haviam saído da Rodovia, alguns minutos

depois, quando o carro deu um solavanco naquela estrada ruim. Ele olhou dos lados e tudo imerso em escuridão, apenas com os clarões provocados pelos relâmpagos, dando sinais de uma forte tempestade que em breve cairia. Entre um clarão e outro, observou muitas árvores secas, no entanto, não deu a mínima importância.

Lorenzo acordou e começou a chorar, pois estava com fome e molhado. Viu quando a caminhonete diminuiu a velocidade, adentrando um grande portão, onde uma placa indicava: “Vilarejo Walsh”.

Estacionou o carro ao lado da caminhonete, e só então os dois homens se apresentaram.

— Sou Seachnall Walsh. Pode me chamar de Seach. —
Falou, esticando-lhe a mão.

Foi retribuir o gesto, quando seus olhos se encontraram. O rapaz não conseguiu entender o que se passou, mas sentiu algo muito estranho neles. Seach muito esperto, disfarçou e disse:

— Não se preocupe, temos leite em pó, improvisaremos uma mamadeira e a criança será alimentada. Vamos entrar.

— Obrigado por sua gentileza. Eu me chamo Miguel Pontes. Depois de alimentá-lo, se puder, me venda a gasolina, pois preciso voltar para casa.

Apesar de toda simpatia, Miguel o observava, tentando se lembrar de onde ouviu aquele nome Seachnall Walsh, ou Seach.

— Vamos entrar para atendermos o pequeno.

Dentro da casa, sua esposa estava na cozinha, preparando um lanche. E ele a chamou.

— Querida, temos visita.

Ela entrou na sala e se deparou com aquela criança chorando.

— Ah! Pobrezinha, está com fome.

— Minha esposa, Aileen.

— Como vai? — Cumprimentou esticando a mão.

— Querida, prepare o leite para o bebê. Improvise mamadeira e fraldas, pois sei que sabe fazer isso muito bem.

Ela o levou para a cozinha e meia hora depois, estava de barriguinha cheia e com um pano substituindo suas fraldas.

— Penso que não deve se aventurar viajando a essa hora com seu bebê. Por que não descansam essa noite e sigam viagem amanhã cedo? — Sugere Seach.

— O senhor tem razão, espero que não estejamos incomodando.

— De forma alguma. Aileen irá preparar o aposento de hóspede para que possam descansar.

Pai e filho foram levados para um quarto aconchegante. E o cansaço logo os fizeram adormecer. Miguel acordou no meio da noite com algazarra de crianças, muita correria e gritaria.

Olhou pela janela e nada viu, então voltou a dormir. Acorda com a mulher o chamando para tomar café e pegar o bebê para alimentá-lo.

Ela levou a criança, e Miguel, depois de se lavar, desceu. O bebê brincava no colo de Aileen, que olhava com carinho para ele.

— Tentei falar com minha esposa, mas não havia internet.

—Nosso vilarejo fica distante e a internet não chega até aqui.

— Jéssica deve estar desesperada. Preciso ir. Não tenho palavras para agradecer tanta gentileza.

— Roonan, meu irmão, possui uma bomba. Vamos até a casa dele.

Saíram até o pequeno pátio, onde Miguel havia deixado o carro. Porém, o lugar estava vazio.

— De novo não! Esbravejou Seach.

— Senhor Seach, deixei meu carro aqui ontem. — Falou Miguel, olhando os arredores.

— É isso que estou lhe dizendo. Os drogados nos roubaram de novo. Esses miseráveis.

— O senhor quer dizer que roubaram meu carro?

— Sim! Somos assaltados frequentemente por eles. O pior é que, apesar de nossas constantes reclamações, a polícia nada faz.

— Misericórdia! Que vou fazer agora? Esse carro é meu instrumento de trabalho. Sou motorista de Uber.

— Eu sinto muito! Não se preocupe, mais tarde iremos à cidade para dar queixa. O chato é que, eles costumam desmontar os carros, para vender as peças e comprar drogas.

— Irei com o senhor e se puder me ajudar, quero contatar minha esposa também. Deve imaginar que fugi com a criança porque saí brigado com ela.

— Entendo sua situação e farei tudo para ajudar. Enquanto isso, venha, vou te levar para conhecer o povoado, minha família e nosso mangueiral, o orgulho do Vilarejo Walsh.

Miguel olhou para aquelas árvores lindas e cheia de frutos maduros. Naquele lugar, tudo parecia fantástico, com casas antigas com jardineiras floridas. Na horta, as mulheres

retiravam as verduras com folhas enormes, verdinhas e fresquinhas. E um belo pomar com frutas variadas, para o consumo da família. Tudo era abundante e próspero.

Miguel conhecia muitas famílias, mas nunca tinha visto uma tão organizada e feliz. Apesar das roupas escuras e demodê. Mas num paraíso daquele quem se preocupava com moda? Tinha a impressão de que ali, tudo era magia, um horizonte perdido.

Pensando assim, se desligou até do filho, cuidado agora com muito esmero por Aileen. O menino parecia que sempre fora filho dela, não chorou nenhum minuto em sua companhia. Seach por sua vez, apresentou a família toda, que o cumprimentou com simpatia, apesar de não serem pessoas jovens.

— E os filhos de vocês? — Perguntou distraído, olhando tudo.

— Nasceram poucas crianças em nossa família. Agora estamos velhos para procriarmos.

— Não possuem filhos? Que pena! Um lugar tão especial precisa de herdeiros para dar continuidade.

— Verdade! Vamos vivendo assim até quando se for permitido.

— Todas essas caixas de mangas, para quem vendem tudo?

— Nossos compradores virão no dia da festa da colheita, que será daqui dois dias.

— São mangas maravilhosas. — Fala ao mesmo tempo que estica o braço para tirar uma.

— Peço que não toque em nenhuma. Após a colheita terá permissão.

— Desculpe. Sou daqueles que enxerga com os dedos. Mas, são mangas que jamais vi, até então. — Fala sem graça, recuando a mão.

O dia se passou e Miguel ficou tão cansado, que se esqueceu do roubo de seu carro e de ligar para a esposa. Pensou que talvez fosse o calor escaldante daquele lugar, que embora verdejante, não havia vento e nem uma leve brisa.

Tomou um banho e jantou. Nem se preocupou com as roupas antigas e estranhas, que foram colocadas no pequeno Lorenzo. O importante é que estava cheiroso, tranquilo e dormia profundamente, num berço de madeira trazido por Roonan.

Seach e Aileen conversavam sobre Miguel.

— A poção já fez efeito. O importante é que meu bebê está de volta, Seach. Estou muito feliz, vamos ficar com ele?

Depois, quem sabe, conseguiremos uma fêmea para procriar.

— Que ideia é essa? Você enlouqueceu? Sabe que não deve se apegar a ele.

Ela olhou assustada.

— Mas pensei que era o bebê que você me tirou.

Seach, muito irado, apertou o pescoço dela e ameaçou.

— Pretende me desobedecer? Desde quando precisa de um bebê? Que dirão as mulheres quando a virem carregando um? Cuide bem dele até a colheita. Com essa oferenda especial, a terra produzirá o dobro e traremos mais compradores.

Aileen não expressou nenhuma emoção. O corpo era seco, sem umidade, portanto não havia lágrimas para escorrerem pelos olhos. No entanto, ficou ali, estagnada na sua dor, que o longo tempo não conseguiu curar.

Miguel teve um sonho perturbador. Estava numa estrada de terra, rodeada de grandes árvores esturricadas, cujos galhos pareciam longos braços. Ao longe viu uma moça loira usando roupas antigas.

— Quem é você?

— Meu nome é Eabha! Eu disse a ela que te mostrasse a verdade desde a tenra idade. No entanto, aquela mulher tão corajosa, se tornou frágil e medrosa.

— Você está falando de minha mãe, o que sabe sobre ela?

— Sei tudo. Agora você veio para cá, sem saber o que de fato vai enfrentar. Uma das primeiras coisas que deve ter cuidado é não comer e beber por aqui.

— E como vou manter minhas forças sem ingerir alimento?

— O tempo que ficará aqui sem se alimentar, não o matará.

— E meu filho?

— A intenção é de sacrificar a criança, para maior colheita. Cuidarão bem dele.

— Quem é você?

— Um dia, fui filha de Seachnall Walsh.

— E o que houve?

— A dor me levou a destruir minha vida e hoje estou vagando. Quando os Espíritos das crianças sacrificadas forem libertos, o meu será também.

— Eu devo ajudar a libertar esses Espíritos, minha mãe falou isso. Achei que era uma heresia da parte dela, pois

sempre acreditei que quando morremos, ficamos em algum lugar à espera da ressurreição.

— Nossa libertação depende da derrota desse monstro. Você precisa fazer tudo para que isso aconteça. Seu pai foi um fraco e hoje sua carcaça serve para o Espírito de Seach.

— Espere! Não entendi.

— Tudo isso não existe, acredite em mim. A família Walsh é amaldiçoada e estão destruindo seres humanos há mais de cem anos.

— Meu Jesus. Estão todos mortos? Como pode ser?

— Só posso dizer o que me é permitido. As demais, terá que descobrir através de você mesmo.

— Como? Estou envolvido num lugar amaldiçoado. Com Espíritos do bem precisando de ajuda, e do mal, prejudicando. Quem pensa que sou? Algum super-herói? Não sei nem por onde começar.

— Os avisos para se precaver são esses: Não beber e nem comer, e não acreditar em tudo que vê de belo e bom. E tenha certeza de que seus olhos se descortinarão e verá o que se passa realmente. — Fala, enquanto sua imagem se desfaz na frente dele.

Continuou caminhando, então, atraído pelo barulho e correria, se voltou e viu o vilarejo com as residências em ruína. Muitas crianças corriam por aquele lugar, sem vida. Acordou suado.

Era de manhã, sentiu fome, e lembrou-se do sonho, mas, resolveu descer com Lorenzo, que já reclamava.

O ambiente familiar era tão agradável, que Miguel resolveu compartilhar seu sonho.

— Senhora Aileen, sonhei com uma moça chamada Eabha, disse ser filha de vocês, e que se suicidou.

Aileen sorri.

— Sonhos são bobagens, rapaz. O espírito de Eabha vaga, por ter tirado sua própria vida. Não tem paz, e aparece nos sonhos das pessoas, reclamando. Não se preocupe com isso, e não fale nada para Seach, pois fica muito triste. Também penso que esses sonhos é porque está fora de casa e preocupado. — Falou, enquanto cuidava com carinho do pequeno Lorenzo.

— Deve ser mesmo, senhora. E onde está o senhor Seach?

— Foi até a cidade. Disse que ia conversar com o delegado sobre os meninos que roubaram seu carro.

— Muito obrigado. Tudo aqui é muito lindo. Vocês são muito acolhedores, mas eu preciso voltar para minha casa.

— Por isso que ele decidiu ajudar.

Seach apareceu somente à tardinha.

— Tenho péssimas notícias para você, Miguel. Não acharam seu carro, mas a polícia me entregou essa placa.

— Não acredito! É do meu carro.

— Muito desagradável, a polícia confirmou isso. Mas estão empenhados em investigar o roubo.

Miguel entrou em desespero.

— Que farei agora? Falou colocando a cabeça entre as mãos.

— Bem, aqui temos apenas minha caminhonete.

— Nem pensaria em lhe pedir. É seu meio de transporte. Poderia nos deixar na cidade, onde terei contato com minha mulher pelo celular?

— Muito bem, farei o que me pede. Mas devido a festa da colheita amanhã, estarei muito ocupado. Quero que seja meu convidado. O que acha?

Enquanto conversam, Aileen lhe serviu um café e ele se sentiu meio aturdido, claro, com a cooperação da poção de Seach, que foi administrada dentro dele.

Em dois dias a festa da colheita se realizaria e Miguel queria retribuir da melhor forma possível, ajudando a encaixotar as mangas. E Aileen não pensava mais em nada, a não ser no pequeno Lorenzo. Chamava de Ryan, nome de seu filho.

Naquela noite, em seu sonho, Miguel se viu no meio do mangueiral. Avistou Seach carregando alguma coisa embrulhada num lençol.

— Seach! O que traz embrulhado? Posso ver?

— Volte para ajudar a encaixotar as mangas, meu rapaz.

Miguel recebeu a ordem de Seach, porém desobedeceu e o seguiu.

— O que leva aí embrulhado? — Perguntou de novo.

— Meu descendente! — Abriu e mostrou Lorenzo, seu filho, morto.

Miguel gritou e acordou em prantos, mas o filho dormia no berço.

— Que sonho horrível! O que aconteceu comigo? Meu Deus!

Deus? Havia esquecido que um dia fora um homem de fé. E pelo filho, chamou por Deus. Não conseguiu dormir mais, então, se levantou e foi até a janela. De longe viu um pequeno vulto.

— Uma criança? Disseram que não havia crianças por aqui.

Curioso, desceu em silêncio, abriu a porta e caminhou até o pátio. A escuridão era quebrada pelo poste com a lâmpada no início da rua. Olhou para o lado do mangueiral e se assustou. Eram as mesmas árvores secas que vira alguns dias antes quando chegou.

— Estranho, ali é o mangueiral. — Pensou se dirigindo para lá.

Parou em frente aquela rua, ladeada de horríveis árvores mortas. Eram imensas, semelhantes as mangueiras.

— Que estranho. Tenho certeza de que aqui é o mangueiral.

Sentiu que não estava sozinho e se voltou. Ali estavam inúmeras crianças. Não falavam nada, porém olhavam para ele, como a suplicar ajuda. O coração de Miguel se condoeu e entendeu que, após o suplício que passaram nas mãos de seu algoz, seus Espíritos continuavam sofrendo, sem paz.

Miguel compreendeu que não era sonho tudo aquilo, e que sua mãe havia dito a verdade. A voz dela ecoou em sua

mente e ele se permitiu recordar de todos os fatos vividos por seus pais.

Embora fosse muito difícil de acreditar, pois eram contrárias a tudo que aprendeu durante a vida, Miguel, sem medo algum, entrou naquela rua. As crianças olhavam para ele. Nunca acreditou em vida após a morte. Entretanto, ali estavam milhares de Espíritos aguardando serem libertos, que comprovavam não ser bem assim como ele pensava. Depois de andar no meio deles, retornou para a casa de Seach, com a determinação de fazer o que era necessário para ajudar os pequeninos, salvar seu pai, Lorenzo e a ele mesmo.

Ao entrar, o casal o aguardava, com olhar de questionamento. Ele justificou.

— Eu estava sem sono. Fui dar uma volta.

— Não deve sair à noite por aí.

— Está muito calor, precisava tomar um ar.

— Preparei um refresco, vamos até a cozinha. — Falou Aileen.

— Senhora, muito agradecido. Se eu comer ou beber a essa hora, perco o sono que já me domina. — Falou, subindo as escadas em direção ao quarto.

O casal se entreolhou com ar de reprovação e Aileen comentou.

— Ele é tão dissimulado quanto a mãe. E a essa altura, deve saber muitas coisas sobre nós.

— Se tivesse apagado a memória dele, isso não teria acontecido. — Refutou Seach, irado.

— Dei doses pequenas, porque poderia dormir e não voltar mais.

— E daí? Seria um a menos para me preocupar. Agora preciso prendê-lo para não atrapalhar. Você é incompetente.

No quarto, Miguel olhou o quadro na parede. Lembrou do que sua mãe contara sobre ele e jogou uma toalha para evitar ser vigiado. Estava com o coração tão contristado que, ali mesmo ajoelhou e chorou. Pediu perdão a Deus e a sua mãe, por deixar suas emoções serem superiores aos seus princípios religiosos. Por não perceber que na terra existiam forças maléficas capazes de destruir. E daquele momento em diante, sentiu-se revestido da energia do Cristo, para enfrentar o que viesse. Mas para isso, precisava se manter discreto com todas aquelas revelações.

Então fez o sinal da cruz, benzeu seu filho, entrou em jejum e profunda oração. O dia estava amanhecendo e precisava se sentir forte para enfrentar o que estava à frente.

Acordou naquela manhã, com muito barulho no vilarejo, era a festa da colheita. Seus olhos ainda estavam úmidos de tanto chorar, tamanho o arrependimento das bobagens que fez nos últimos anos. Lorenzo ainda dormia, e sua preocupação se tornou ainda maior, quando se lembrou do sonho com Seach.

Sabia que iriam levá-lo para o ritual, para preservarem a abundância por mais um ano. Olhou pela janela e viu alguns carros estacionarem, homens bem trajados, e junto de um deles, uma menina, que deveria ter uns doze anos. Miguel firmou um pouco mais sua visão e visualizou os moradores como de fato eram e foi estarrecedor.

Espectros horríveis, com seus crânios esburacados e de suas bocas saíam vermes enormes. Estavam vestidos com roupas velhas e apodrecidas, e andavam para lá e para cá, empilhando as caixas com seus braços e mãos esqueléticos, numa rapidez descomunal. Miguel fechou os olhos.

— Meu Deus, um lugar infernal!

Quando reabre, percebe que não está mais no quarto. O belo casarão de Seach, estava em ruínas. Olhou para onde dormia seu filho, e ele estava deitado no chão, sem roupas e ao lado as roupinhas dele, ainda sujas. Miguel o vestiu e se levantou, quanto viu Seach e Aileen a sua frente.

— A festa da colheita começou. — Falou calmamente.

— Seach, quero que liberte meu pai!

O homem se manteve calmo e com um sorriso de deboche no rosto, lhe respondeu.

— Seu pai? Por acaso viu alguma prisão aqui?

— Você sabe que eu sei que está utilizando-se do corpo dele.

— Fico admirado de um padre acreditar numa baboseira dessa.

Seach não encarou o olhar de Miguel, e isso fazia com que ele ficasse mais fortalecido e certo do que estava falando, mas continuou.

— Meu amigo, a festa começou e preciso de seu filho para fazer o ritual. Então saia da frente, que minha esposa cuidará de preparar o bebê.

— Tenho certeza de que sua esposa não quer isso, pois sente amor pelo meu filho.

Seach gargalha.

— Esse sentimento está extinto em nossas vidas há muito tempo. Se não tivemos nem por nosso filho, imagine os filhos de outros.

— Vocês não tocarão no meu filho, assim como quiseram fazer comigo.

Sem levar em conta as palavras de Miguel, Seach dá ordens.

— Aileen, busque a criança. Coloque a bata branca e me traga. Tenho que receber os compradores.

Seach não percebeu, mas Aileen ficou desesperada. Passou por aquele sofrimento um dia, porém se sentia impotente diante do poder do marido. Obedeceu e foi para cima de Miguel.

— Senhora Aileen, não continue. Não me obrigue a empurrá-la.

Mas era muito forte e arrancou a criança de suas mãos, o empurrou e jogou-o no chão.

— Venha, meu rapaz. É tão teimoso como sua mãe, o que nada adiantou.

Miguel se desespera.

— Senhor Seach, por favor, não faça nada com Lorenzo.

— Seu filho é precioso, precisamos do sangue dele, é uma oferta que nos trará mais colheita e pessoas interessadas. Preciso pensar na minha família. Sua mãe me enfrentou e não permitiu que ficássemos com você. Porém, quando o destino escreve, é inevitável. Depois me rejuvenescerei com

sua carcaça. Não se preocupe, seu pai se tornará um ótimo trabalhador.

Miguel desceu e ficou de frente com Seach, que não o encarava. Novamente suplicou.

— Pai, você se lembra de Mônica? Sou Miguel, seu filho. Sei que está aí me ouvindo, reaja em nome de Deus Pai Todo Poderoso.

Seach acompanhado de Aileen se encaminharam para o vilarejo.

Miguel precisava chamar seu pai de volta. Cada ser humano tinha uma força dentro de si e talvez o ajudaria a resgatar essa força.

Aqueles homens se uniam para entregar uma criança para manter vivos aqueles monstros e levarem aquela produção, que negociadas, lhes trariam milhões. As caixas contendo aqueles frutos suculentos, eram levadas pelos espectros do mal, movidos pela força maléfica de Seach, que parecia líder de alguma seita.

— Deus, me sinto como Davi, enfrentando Golias, seja a pedra de minha funda, Senhor, para que eu possa derrotar esse gigante. — Orou com fervor.

Roonan deu um empurrão nele e disse:

— Vamos, você não vai atrapalhar a cerimônia.

— Vai me levar para onde?

Não respondeu e continuou a empurrá-lo.

— Vamos.

Miguel obedeceu e caminhou.

Para Miguel, toda ilusão daquele lugar se desvaneceu e ele precisava pensar. Com precisão, se virou e lhe deu um safanão. O espectro horrível nem se abalou e riu dele. Miguel, no entanto, não sentiu medo. Deus podia muito mais, refletiu. Então se jogou contra ele, que caiu. Mas como lutar com aquilo? O cordão de metal que prendia a chupeta apareceu de dentro de sua camiseta, Miguel numa rapidez a retirou, envolveu no pescoço de Roonan e apertou. A cabeça se desfez no ar, numa poeira negra e pouco depois o corpo.

Refeito do susto, se levantou e percebeu que o sol estava aos poucos desaparecendo, ofuscado pela lua. Em breve uma escuridão se abateria sobre aquele lugar. Agradeceu a Deus e continuou.

Viu quando Seach colocou a menina deitada sobre uma pedra. Em suas mãos um punhal. Miguel gritou desesperado.

— Pai, volte! Sou eu, Miguel, seu filho.

Seach estremeceu, mas não se abalou.

— Pai, eu sei que você está aí. Venha, meu pai, eu te amo.

Seach para tudo e se volta para Miguel, com o punhal. Ele sabia que sua força física era inferior ao Espírito de Seach. Então, puxou a menina pelo braço e correu para dentro do mangueiral. E lá, a fez se sentar embaixo de uma das árvores. Percebeu que ela estava em transe. Olhou ao redor e falou.

— Crianças, sei que vocês estão aí. Tomem conta dela, pois preciso salvar meu filho.

Voltou desesperado e encontrou Seach com Lorenzo no colo.

— Quero meu filho, Seach.

— Não pense que vai destruir o que eu construí todo esse tempo.

— Pai, se você está aí dentro e me ouve, não permita que Seach mate o seu neto.

— Seu pai é mentiroso, ladrão, corrupto e covarde. Em que é melhor do que eu? Portanto, saia da minha frente, não logrará impedir que eu conclua o que precisa ser feito.

— Não sairei e meu filho você não vai levar.

Miguel não percebeu, mas Aileen foi por trás dele e o empurrou, fazendo com que caísse com o rosto no chão, se ferindo. E o casal foi para o local do ritual.

A escuridão agora cobria tudo. Sem entender o que ocorria, os compradores ficaram assustados. Não havia condições de continuar a festa, e numa rapidez assustadora, entraram em seus veículos e foram embora.

Miguel se refez do empurrão que levou e atravessou o vilarejo até onde Seach estava. A criança deitada, sendo segurada por Aileen.

— Senhora Aileen! — Disse fazendo a mulher estremecer
— Sei que apesar de ser um Espírito manipulado por Seach, dentro da senhora ainda está o sentimento de mãe. Vi como cuidou do meu filho. E é em nome desse amor, que venho pedir que me ajude a resgatá-lo das mãos desse covarde assassino.

— Cale a sua boca rapaz, não sabe com quem está falando.
— Esbravejou, Seach.

Aileen permaneceu calada, segurando a criança. E Seach retornou ao sacrifício.

— Senhora Aileen, vai prosseguir? Até quando continuará escrava de Seach? Vai deixar que aconteça com Lorenzo, o mesmo que ocorreu com Ryan?

Seach saiu de onde estava e partiu para cima de Miguel, que desviou. Foi então que Aileen pegou a criança e correu para o mangueiral.

Percebendo que Aileen havia levado a criança, ele correu também, em direção de onde ela estava. A escuridão se dissipava lentamente, voltando aos poucos o sol a brilhar.

Aileen nunca havia entrado naquele lugar, mas sentiu uma paz. Se sentou com Lorenzo, que em sua inocência, ria e brincava com ela. Acariciou a criança.

— Ryan, não deixarei que seu pai lhe faça mal de novo. Estou aqui e vou te proteger. — Falou enquanto o aconchegava junto dela.

— Senhora Aileen. — Falou Miguel se aproximando.

Aileen olhou para ele, era apenas um espectro, que não falava, apenas grunhia. Mas, Miguel não sentiu medo.

— Precisa me dizer como faço para destruir Seach e libertar os Espíritos dessas crianças. E sei que dentro da senhora, tem um sentimento puro de amor, vejo como trata Lorenzo.

— Ryan! — Grunhiu, mas ele entendeu.

— Sim, Ryan.

Aileen levantou a cabeça e prestou atenção, e Miguel percebeu que Seach a chamava, era um poder mental que

exercia sobre aqueles seres. Ela ficou por um tempo parada, pegou o bebê no colo e se levantou.

— Por favor, senhora Aileen, não leve a criança. Ele vai matá-la.

Como se estivesse hipnotizada, caminhou segurando a criança. Miguel se colocou na frente, mas ela o empurrou e seguiu em direção do vilarejo.

Miguel se refez. Imaginou a força que Seach exercia sobre ela. E se desesperou.

— Venha querida, temos que fazer a oferenda ao nosso mestre, caso contrário, não teremos a preciosa colheita nos próximos anos. — Disse Seach a aguardando com os braços estendidos.

Aileen parou. Os Espíritos de Eabha e Ryan surgiram na sua frente. Ela os reconheceu.

— Chega mãe, termine esse ciclo com Seach. Entregue Lorenzo para o pai.

Ela nada falou, porém, se percebia uma visível emoção. Colocou Lorenzo no chão e continuou em direção a Seach, para receber o castigo por sua desobediência. Fortalecido, Miguel gritou.

— Você tem medo do que os Espíritos das crianças possam fazer com você, por isso não se arrisca a enfrentá-los.

— São Espíritos perdidos, sem rumo, não me metem medo. E se me atacarem, quem sofrerá as consequências será o corpo de seu pai. E com muita facilidade, entraria no seu.

Miguel não havia pensado naquela possibilidade. Abandonar o invólucro de Bryan era a coisa mais fácil que poderia acontecer. E não sabia se estava protegido contra o ataque daquele Espírito.

Ele precisava raciocinar e bem depressa. O bebê no seu colo chorava assustado. Miguel olhou no vilarejo e os espectros estavam parados, sem reação. Tudo girava em torno da força de Seach, e a destruição dele, também colocaria um ponto final naquele horror.

Miguel voltou para o mangueiral e chegou até a menina, que estava sentada brincando com algumas crianças. Ele sentou seu bebê ali e voltou.

Seach e Aileen não estavam mais ali. A escuridão fora apenas um eclipse solar, voltando tudo a normalidade. Miguel sentiu um cheiro de podre, e no local da festa pôde ver caixas empilhadas e as mangas cheias de vermes, se desfazerem na sua frente. Sabia que sem o sangue derramado, aquilo desapareceria.

Como de fato aconteceu, no local da bela horta e do pomar com frutas variadas, existiam pedregulhos. Nas casas em ruínas, apenas os espectros permaneciam como que paralisados, olhando em direção de Seach.

Miguel, determinado a resgatar seu pai, se encaminhou para o povoado e ficou de frente a Seach ao lado do espectro de Aileen.

— Tadeu Bryan, sou eu, seu filho Miguel, reaja e não deixe que ninguém comande sua mente.

— Eu saio, mato seu pai e ele será como esses meus escravos. — Gargalha.

— Tudo está desaparecendo Seach e em breve aqui não terá mais nada a não ser ruínas.

— Situações corriqueiras, meu caro. Vou embora, mas seu pai não sairá vivo daqui.

Miguel sabia que precisava sair dali. Caso contrário, até mesmo ele poderia ser prejudicado. Não insistiu mais com Bryan. Nem sabia em que condições estaria sua mente, caso voltasse.

Apesar de triste, caminhou para o mangueiral. Tinha a missão de livrar os espíritos das crianças e ainda não havia

conseguido. Quando chegou encontrou muita alegria entre eles e Lorenzo rindo das brincadeiras.

Estava cansado e com muita fome. Sentou-se um pouco. Pensava em como sair dali, levando seu filho e aquela menina desconhecida. Um dia fora padre, rezava tanto pelas pessoas, por todas as situações adversas que elas enfrentavam. Agora estava ali, precisava de outra ajuda divina, sobrenatural, semelhante a escuridão causada pelo eclipse. Agradeceu a Deus e permaneceu ali.

Fechou os olhos, firmou sua mente para achar uma saída verdadeira para todo aquele pesadelo. Sabia que embaixo das mangueiras jaziam corpos daqueles inocentes, porém, se Seach não fosse destruído, os Espíritos não seriam libertos. Por outro lado, o corpo de seu pai estava escravizado, e poderia sucumbir.

Miguel ainda tinha sua consciência pesada sobre o que havia feito a sua mãe. Queria se redimir pelos erros que foram cometidos contra ela. A vida promíscua que levou nos últimos anos, fumando, bebendo, fornicando, até usando drogas. E por fim, a união com Jéssica, que assumiu, devido a gravidez.

Um menino tocou seu braço e ele abriu os olhos. Percebeu que ele queria mostrar alguma coisa, então, o acompanhou. E atrás de umas pedras, estava o seu carro.

— Seach escondeu meu carro aqui. — Olhou, o tanque vazio. — Pelo menos temos um lugar para passarmos a noite.

Ele buscou seu filho e a menina e os colocou para descansar. Não havia alimento e isso era o mais preocupante.

— Senhor, seria tão bom se providenciasse seu maná para alimentar as duas crianças, mas creio que estou pedindo demais. Acho que estou sendo mal-agradecido com seu amor, pois as crianças dormem profundamente, sou eu quem reclamo de fome. Perdão meu Senhor!

Tentou adormecer, porém não conseguiu. Olhou o céu sem estrelas, o cemitério de árvores não existia mais e tudo era silêncio. Um lugar lúgubre, onde nem o canto das aves noturnas eram ouvidos. Era assustador e ao mesmo tempo, em seu coração, ele tinha a certeza da presença de Deus.

O dia amanheceu, sol quente demais, precisava de um lugar onde houvesse sombra. Olhou para frente e avistou uma pequena gruta. Foi para lá e pediu a menina que olhasse seu filho para que ele pudesse terminar o que viera fazer.

Caminhou em meio a pedregulhos e poeira. Sabia que Seach estava a sua espreita. Ele avistou o homem sentado numa pedra calmamente, esperando por ele.

— Que explicação dará a polícia quando o encontrarem com uma menina desconhecida.

— Não estou aqui para conversar com Espíritos. Exijo que liberte meu pai agora.

— Que tal trocar seu pai pela menina? Afinal, você nem sabe de onde ela veio.

— Pela autoridade que me foi concedida por Deus Todo Poderoso, através de Nosso Senhor Jesus Cristo, exijo que saia do corpo de meu pai agora.

Seach respirou profundamente, sem se abalar com as palavras de Miguel.

— Meu caro, sua boca fala, mas seu coração está enegrecido pelo ódio, por tantas mazelas que cometeu. Além do mais, não tem como sair daqui com duas crianças, sem água, sem alimento, e ainda está fraco. Não quer fazer a troca? Feito o ritual, terá o que precisa.

— Você se esqueceu dos Espíritos das crianças. Elas os estão protegendo e eu vim aqui, para livrar meu pai e

mandar você e todos esses espectros horrendos para onde merecem ir. Não matará ninguém mais.

— Doce ingenuidade. Pensa que tudo se resume aqui? Pessoas ambiciosas, desejosas de possuírem o fácil estão pelo mundo todo e farão qualquer coisa para conseguirem. Tudo que quero é que venham para a festa da colheita, me tragam uma criatura pura, de sangue irlandês e levarão tudo. Venderão no mercado a preço exorbitante e ganharão muito, quem provar, fará qualquer coisa para conseguir. Dinheiro não interessa, apenas sangue e de vez em quando um varão para minha renovação. E um fedelho como você acha que pode me vencer?

— Não discutirei mais. Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, Tadeu Bryan, expulse esse ser de seu corpo. Você pode, tem força dentro de si. Deus lhe deu isso.

Seach vai se mover para atacar Miguel, quando suas pernas bambearam. Bryan estava reagindo aos poucos, com o filho que nesse momento se ajoelhou naqueles pedregulhos e clamou alto.

Em alguns minutos, Bryan caiu desacordado e Miguel o socorreu.

— Pai, precisa abrir os olhos.

O homem olha para ele, mas está atordoado e sem ideia do que aconteceu e nem onde se encontrava.

— Venha, vou ajudá-lo.

Caminharam olhando por todos os lados, nada mais existia ali, nem vestígio do Vilarejo.

Miguel caminhou com seu pai para tirá-lo do sol. Parou emocionado, pois pequenos pontos luminosos subiram se misturando as nuvens. Eram tantos que não dava para contar. Ele se ajoelhou e agradeceu a Deus pelo livramento daquelas criaturas.

A sua frente a carruagem surgiu com Eabha e algumas crianças. Foi tudo muito rápido e tanto ele como seu pai foram carregados para perto da gruta onde estavam Lorenzo e a menina.

— Sei que Deus operou em ti e nas crianças, para me ajudar nessa jornada. Sigam e sintam-se amparados para todo sempre. Falou Miguel agradecido.

Eles desapareceram e os quatro ficaram ali, esperando o sol baixar, para caminharem até a Rodovia. Estavam cansados e com fome e adormeceram. Miguel acordou com o grito de um homem.

— Sargento, achei o carro. O pessoal que a moça falou deve estar aqui por perto.

Miguel estava tão fraco que sua voz nem saiu, quando o militar apareceu em sua frente.

— Ei moço, como você está? — Miguel desmaiou de fome.

Acordou dois dias depois, no Hospital, sendo alimentado através de soro.

— Onde estou?

— No hospital. Seu pai e os dois filhos estão bem. Já foram alimentados. O delegado está esperando o senhor acordar para esclarecer o que houve.

Estar na frente da polícia e relatar aqueles fatos extraordinários e sem meios para provar, seria perda de tempo. E explicar sobre a menina, também não saberia. O delegado entrou.

— Como está, senhor Miguel Pontes.

— Estou bem melhor. Graças a Deus que nos encontraram.

— O que aconteceu?

— Sai para passear com meu filho e meu pai e fomos sequestrados por um sujeito. Nos levaram para um lugar ermo, roubaram meu dinheiro e nos deixaram ali. — Mentiu.

— Sabemos que a menina não é sua filha. Como não falava nosso idioma, descobrimos que era da Irlanda e pedimos um tradutor. Ela disse que se chama Meghan Murray, tem 12 anos e mora em Cork na Irlanda. Vinha da escola e a levaram. Não sabe como foi parar naquele lugar. Estamos aguardando retorno da embaixada para saber se está na lista de crianças desaparecidas.

— Quando cheguei lá, encontrei a menina. Eu pretendia esperar o sol baixar, para caminhar até a rodovia e pedir socorro.

— Uma moça loira foi até a Delegacia e avisou sobre vocês. Quando a procuramos, havia desaparecido.

Mais uma vez, Miguel entendeu que fora ajudado por Eabha.

Miguel saiu do Hospital e seu carro fora entregue em perfeito estado. Retornou para sua casa, com seu filho e o pai. Meghan ficou sob a responsabilidade da embaixada irlandesa, até que seus pais viessem buscá-la.

Miguel ficou sabendo que Jéssica fora presa roubando para continuar com seu vício em drogas. A porta da casa estava apenas encostada. Então retirou suas coisas pessoais, de seu filho e voltou para casa de Mônica.

A mãe mal se conteve de emoção, ao rever Bryan, seu filho e conhecer o neto.

— Mãe, me perdoe o que fiz a senhora, por deixar a batina.

— Fui eu quem errei demais, mas Eabha em sonho me disse que você estava fazendo o que precisava ser feito. Meu Bryan vai se recuperar tenho certeza. — Fala abraçando o marido.

— Eu e Lorenzo podemos ficar aqui?

— Que pergunta, meu filho, aqui sempre terá espaço para vocês.

— E um lugar na casa da madrinha também. — Fala Elisa com alegria.

Ficaram abraçados, numa troca de energia, para se fortalecerem de todos aqueles acontecimentos pelos quais passaram.

E num restaurante famoso em Paris, dois cavalheiros conversavam.

— E então Monsieur, o que achou das amostras que deixei?

— Espetacular essa manga, um tamanho que nunca tinha visto, a textura, o sabor. Meu Tatin de manga com coco queimado, o Sorbet e outros pratos que preparei, se valorizaram com essas frutas maravilhosas. Os clientes

ficaram apaixonados. Quero fazer meu pedido. Pago o que me pedir. — Falou empolgado, o empresário e proprietário do luxuoso estabelecimento.

— Em breve, viajarei para participar da festa da colheita de Seachnall Walsh, que é o homem responsável pela produção dessas mangas. Ele e sua família trabalham com muita dedicação no Vilarejo Walsh, situado na América do Sul. E ao fazer seu pedido, terá a garantia de ter em breve esses frutos em suas mãos.



Consórcio Alegro

